

Genl. N. M. de la Torre

Ret. Madrid. B. A. de la Torre

## JOSÉ XAVIER MOUSINHO DA SILVEIRA



geração dos fortes, que por suas mãos robustas arrotearam a terra, e desbravando-a, tornaram possível a fundação do governo representativo, geração rareada pelos annos e fadigas, de dia para dia vai desaparecendo dos nossos olhos. Inclinem-nos diante d'ella! Foi viva a sua fé, grande o seu coração em tudo, e admiravel o exemplo, que nos legou. Edificou menos para si, do que em proveito dos que viessem depois, e edificou com a espada em uma das mãos, e os instrumentos do trabalho na outra, interrompendo-se a cada passo para defender, salpicando-as de sangue, as pedras, que acabava de ajuntar, ou os palmos de terreno, regados das lagrimas do desterro e do suor dos combates, que alcançára desafrontar das urzes e espinhos, que os affogavam.

A voz do futuro chamou por ella, e acudio, atravessando pela escuridão dos carceres, pelas magoas da ausencia, pelas amarguras do exilio, e por cima das taboas infames do patibulo. A liber-

dade confiou-lhe uma bandeira, e com valor heroico, e inabalavel constancia, todos sabemos como a arvorou sobre os rochedos da Terceira e nas trinheiras do Porto; como a hasteou victoriosa, rodeada de poucos soldados, nos muros de Lisboa e nos campos de batalha sulcados de ballas e alastrados de cadaveres. As proezas que se obraram n'esta lucta mortal, travada entre dois principios irreconciliaveis, apesar de tão proximas, já quasi nos paracem fabulosas. Que diria mais tarde a posteridade, se a historia não a illuminasse com o depoimento conforme de tantos testemunhos?

Não alludimos á illiada, que servio de glorioso prologo ao drama do nosso rejuvenescimento politico, para avivar odios, ou irritar paixões. Citámol-a unicamente para nos curvamos respeitosa ante a lapide singela, que desde 1849 cobre as cinzas de um dos operarios incansaveis e mais audaciosos d'essa obra, a qual por desgraça alguns quasi que engeitam hoje, recostados no regaço dos beneficios, que lhe devem. Dos companheiros de armas do imperador, ou dos ministros e escriptores, que não valeram menos junto d'elle nas lides do espirito, poucos sobrevivem ainda. O maior numero desceu ao sepulchro, deixando muitos, depois de tão calumniados, apenas a honrada memoria do seu nome por herança. Dos que a idade ou o desfallecimento precoce de tantos cuidados não consumio ainda de todo, veteranos saudosos da sua época e das nobres empresas, que ella vio e praticou, encontramos a quasi todos, coroados de cans, ricos de recordações, e quasi decrepitos antes dos annos de velhice; uns sentados nos degraus do tumulto já aberto para os receber; outros arrastando-se para elle, ainda encostados á briosa espada, companheira fiel dos dias de provação nunca esquecidos.

Mousinho da Silveira, posto que não engatilhasse uma só vez a espingarda, nem apontasse uma unica peça nas baterias cruzadas pelos pelouros, pertencia de direito áquella pleiade de intrepidos demolidores do passado; e não usurpou, apesar de paisano, o lugar, que o principe e a necessidade lhe repartiram no arraial dos livres. Foi tambem combatente. Sem tropejar pela bocca inflammada dos canhões rômpeu e arrazou os reductos do antigo regimen, não ganhando menos victorias para a civilisação com a penna, do que os valerosos soldados de D. Pedro com as armas. As suas campanhas eram contra os abusos, contra os erros economicos, contra os esteios corcomidos, em que se estribava a machina do poder absoluto; e dissipado o fumo da polvora, callado o ruido e braveza da lucta, quando, apoz

os negrimes da tempestade civil, o sol despontou em horisontes mais serenos, claramente se conheceu, que os golpes vibrados pela mão do ministro tinham sido os mais penetrantes; por que haviam rasgado até ás entranhas as feridas incuráveis, de que o velho systema nunca mais soube restaurar-se, nem convalescer.

Se em 1823 e 1828 elle tinha resuscitado facilmente da morte aparente, e recobrando forças soffocou a liberdade ainda tenra e infantil com pequeno esforço, é porque as idéas, sem se apoderarem dos factos nunca podéram matar os preconceitos, ou cimentar as revoluções em bases solidas. Substituiu-se a eloquencia á acção; declamou-se, quando convinha destruir e renovar; e entendeu-se que para a constituição existir seculos não era necessario senão glorificar o briche nacional, espertar o brilho das luminarias patrioticas, e aterrar a malignidade dos adversarios com pomposas imitações de applaudidos discursos estrangeiros. Do passado ficou tudo vivo e de pé como estava. Fortificado em suas escolhidas posições o partido hostile aos innocentes innovadores zombou delles, e chegada a occasião mostrou-lhes como o vento varre depressa as regenerações, que não passam das palavras.

O que tornou a acção politica de Mousinho tão poderosa foi o desassombro e a ousadia, com que sem hesitar acertou logo com o caminho opposto, assentando com firmeza os verdadeiros alicerces do governo representativo, fundando a liberdade nos interesses legitimos das classes, que a haviam de sustentar desde que ella as adoptasse por filhas, e sem o suspenderem os clamores, ou as ameaças dos que feria, proseguindo na laboriosa missão de antepor os direitos do povo ás fruições estereis e pessoas de alguns privilegiados.

A sua obra, alvo de mofas pueris, mofas que erão a mascara transparente de odios inextinguiveis, já não póde cahir. É o monumento da restauração constitucional, e quem se atrevesse a levantar contra elle a mão, sentil-a-ia descahir secca e paralisada, e na propria dor aprenderia a temer o perigo de tentar a Deus e as nações. No alto d'esse monumento, ornado de trophéos militares e de coroas civicas, vela immortal a grande alma de D. Pedro, como pousa a de Napoleão, aguia orgulhosa, sobre os altivos relevos do arco da victoria; e no pedestal escreveu a gratidão dos contemporaneos, e ha de gravar mais tarde o dedo da historia, a par do nome do principe o nome do ministro, do mesmo modo que brilham na columna triumphal todas as glorias do imperio sob as azas do genio de Austerlitz.

## II

Não escrevemos uma biographia, nem traçamos o quadro dos acontecimentos decorridos desde 1820 até aos nossos dias. Os que desejarem indagar as circumstancias da vida de José Xavier podem satisfazer a sua impaciencia nas paginas eloquentes do opusculo consagrado pelo visconde de Almeida Garrett á memoria de Mousinho. Quem, mais profundo, quizer formar exacta idéa da phisionomia e significação do extenso periodo, que abrangeu o tormentoso noviciado do governo constitucional, encontrará resumido em uma luminosa apreciação philosophica tudo o que podia dizer-se ácerca das causas e resultados da revolução na carta escripta em francez pelo sr. Alexandre Herculano a mr. Ortaire Fournier. O nosso fim é diverso. Limitamos hoje exclusivamente a acompanhar de breves e soltas reflexões a imagem d'esse vulto, que poucos de nós, homens novos, conhecemos; mas que o futuro, melhor juiz do que o presente, ha de assignalar entre os filhos mais distinctos de Portugal.

De que aproveitaria para celebrar uma reputação, que vai crescendo com os annos e a distancia, acrescentarmos, que elle nasceu na herdade da Silveira, ou em outra villa, ou cidade do Alemtejo; que concluiu com merecido conceito, ou sem elle, os seus estudos academicos em Coimbra; que depois de formado leu no desembargo do paço e serviu logares de letras, segundo o costume do reino; que entrou nos conselhos de el-rei D. João VI como seu ministro; que desempenhou outros empregos com austera probidade; que emigrou por acto de espontanea lealdade, quando a corôa cingiu uma frente, que não era a da rainha, jurada e reconhecida pela sua fé; e finalmente, que chamado pelo imperador para o seu despacho, lavrou sem repouso na Terceira e no Porto, umas apoz outras, essas taboas da nova lei, que não renderam menos terras, nem decidiram menos voações incertas em favor da causa liberal, do que os exercitos e as batalhas?

Todos esses apontamentos de idade, nascimento, e cathegoria, ao pé da sua legislação exprimiam tanto para o avaliarmos, como o exame do seu rosto e aspecto, que a nossa gravura reproduz, os quaes seria preciso notavel esforço de imaginação para admirarmos como tocados da sublime expressão, que sempre phantasiâmos como privilegio singular dos engenhos elevados.

Contemplai-o na phisionomia, e achareis o que, ainda em sua

vida devia enganar a mais de um observador superficial. O semblante, a vista, a bocca, e as feições emfim, não accusam de certo o espirito ardente e conquistador, que a ferro e fogo rasgou os trilhos, de que nós fizemos estradas, nem inculcam ao primeiro volver de olhos o architecto arrojado, que nos marcou a área, e construiu os primeiros lanços do moderno edificio. Surdo, vulgar, ou excentrico nas maneiras, fallando alto e singelo, desornado no traje, quem passasse por junto d'elle, não sabendo que era elle, reputal-o hia apenas um camponez investido por obra e graça dos comicios ruraes na magistratura do mandato popular.

Muitos que o trataram, e deviam ter-lhe tomado o pulso ás qualidades virts e energicas, por injustos, ou por invejosos, desculpavam-se de o exaltar, chamando-lhe louco. A sua vehemencia, cheia de originalidade, ministrava-lhes pretexto para segredarem uns ao ouvido dos outros esta palavra, que suppunham injuriosa, e que proferiam com a idéa de o arredarem da gerencia dos negocios. Loucõ elle?! Porque não? Mas d'aquella loucura sublime, que separa os genios da plebe dos estadistas anões, plebe que lapida a quantos vê subir aonde ella por mais que faça nem alcança com a vista! Louco, sim, mas como Galilleo e Newton, que viam com os olhos da sciencia o que todos ignoravam! É a sorte dos talentos eminentes em terra pequena, de gente ainda mais pequena. Mousinho, já em vida tinha diante de si a sombra do seu monumento, e ouvia de longe a voz da posteridade. Os que fallavam d'elle sem respeito coaxavam como rans entumecidas á beira dos charcos; e por mais, que inchassem, advertia-lhes a propria nullidade, que breve se afundariam com as vaidades e o falso luzente dos europeis n'esse lodo vil, d'onde surgiam, e de que todo o calór do sol das grandezas nunca podéra seccar, nem gastar a nodoa!

Não sabemos se José Xavier se resentiu, ou se honrou do calculado ostracismo, a que o votaram. O que elle de certo sabia melhor, do que os pigmeus, que tanto careciam de o ter longe para apparecerem, é como se desce do governo sem remorsos, nem pezar, e como se fazem grandes coisas sem alarde. Provavelmente punio com o seu dó a exclusão, e vingou-se d'ella, relendo a biographia dos varões illustres. Era da mesma familia, e naturalmente consolou-se com o exemplo d'elles. O seu reinado, (persintio-o) estava no porvir, e não na actualidade. Foi sempre fado dos reformadores o não serem nunca prophetas na sua patria. As verdades, que a civilisação apura, compram-as os mestres pelo doloroso preço da irrisão, ou do mar-



tyrio; e aquelles, que realçam tanto, que a sua cabeça sobreleva a todas para ser vista dos seculos, não devem estranhar que os temam por gigantes os que mais deveram ao seu coração e ao seu engenho.

Mousinho continuou apartado dos negocios, e limitado á intimidade dos amigos até aos seus ultimos momentos. Tinham-o esquecido, ou mais exacto, tinham-o affastado, porque era muito grande para esquecer; mas n'aquelle peito, sempre portuguez, nunca se entibiou o amor dos progressos e da felicidade da terra do seu berço; e os que pouco antes de fallecer conseguiram ainda ouvil-o, nunca olvidarão de certo o vigor da sua intelligencia, as illuminações do seu raro talento, ou os generosos sentimentos da sua alma. Vehemente e original nas palavras imprimia em tudo o cunho da propria individualidade. Á similhaça de Sully fóra do governo, ou de Pombal desterrado, voltava muitas vezes com o pensamento ao inquieto periodo da sua administração, não por saudades do poder, mas para conversar com as idéas e os successos d'aquelle tempo. Os seus olhos, que viam tão longe, ainda descobriram os arreboes da nova época, que principiava a surgir d'entre as trévas das discordias politicas com os primeiros sorrisos da esperança; e a sua vasta comprehensão, que lia no futuro, não o enganou, antes de adormecer para sempre, penetrando quasi em espirito na luz da immortalidade, quando lhe annunciou a gloria da sua obra, e a gratidão das gerações vindouras.

### III

As coisas que elle demolio não tornaram a levantar-se. Os golpes haviam sido tão certos, que reduziram a pó a velha armadura do antigo regimen, armadura impenetravel aos legisladores de 1820, e aos constitucionaes de 1826. Leis essenciaes á sincera applicação da carta, e muitas providencias de igual importancia, dictadas no meio do ruido das armas e com as bayonetas inimigas apontadas ao peito, proclamaram no seu conjuncto harmonioso a magnanimidade do regente, e a firmeza e aptidão do ministro, que as assignaram. O duque de Bragança rei-soldado, que as ballas e os perigos convidavam mais, do que atrahem a outros principes as pompas ociosas, e Xavier Mousinho, tão modesto, tão desapegado de vaidades, tão senhor da propria intelligencia, e tão incapaz de a lorcer, conceberam e realisaram, elles dois sós, uma completa revolução politica, economica e social, revolução tão poderosa e invencivel, que as



idéas e interesses criados por ella, foram depois, e não de ser sempre os melhores defensores da liberdade, cuja arvore cresceu e fructifica á sua sombra.

O pensamento, que inspirou estes actos da dictadura do imperador, não menos gloriosos de certo, do que as suas victorias, recommenda-se por si mesmo. Leia-se o decreto de 30 de Julho de 1852 que extinguiu os dizimos, desassombrando a cultura de uma das maiores oppressões. Consulte-se o decreto de 13 de Agosto sobre os foraes! Notem-se os tres decretos de 16 de Maio de 1832, aonde se lançaram as bases da reforma administrativa, judicial, e de fazenda! Ainda que as não coadjuvasse uma serie de preceitos não menos fecundos, não bastariam sómente estas tres datas que dizem e significam tanto para glorificar uma época? Liberdade da terra, liberdade do trabalho, e realidade das instituições constitucionaes! Foram ellas quem fizeram da carta uma verdade, e da monarchia velha um cadaver, porque encerram, não nos cançaremos de o repetir, a grande revolução do seu tempo, e os germens de quasi todos os progressos futuros, equivalendo para nós á sessão de 4 de Agosto da assembléa constituinte de França sem a sancção cruel e implacavel dos terrores da Convenção. Mousinho proscreeu e riscou da scena a velha sociedade, e introduzindo a nova, infundiu-lhe desde logo as aspirações e as esperanças que a ennobrecem.

A lisonja não floresce na terra da sepultura. Diante das cinzas dos mortos póde, e deve dizer-se a verdade. José Xavier foi um d'esses homens raros, que a providencia só em largos intervallos dispensa ás nações para as remir. Quem o faz gigante é a sua obra, verbo luminoso da regeneração politica, força viva do systema representativo entre nós. Se não fossem os interesses enraizados profundamente no solo pelos seus decretos, os erros, a apathia, e as convulsões civís ha muito que teriam apressado a queda das instituições como nos annos de 1823 e de 1828.

O ministro sabia-o, e honrava-se de o asseverar. Estas leis valem exercitos! exclamou em mais de uma occasião. Não se enganava. Aonde estariamos a esta hora se ellas não protegessem pelo amor dos subditos as conquistas de D. Pedro? Se o alto pensamento, d'onde emanaram, se houvesse perpetuado nas deliberações dos que governaram depois, como a boa memoria e os beneficos effeitos da sua execução vivem no coração dos povos ainda hoje, quantos passos não teriamos adiantado na estrada, que pisamos, quasi a medo? A culpa do nosso atrazo re-

lativo não a imputemos a outra causa. Esquecemos aquellas tradições, quasi apagámos esta luz que podia guiar-nos; por isso vagueámos entre discordias e á mercê do acaso por largo tempo.

Antes de encerrar estas reflexões escutemos a conclusão do relatório do decreto de 30 de Julho de 1832, que extinguiu os dizimos. Poucas vezes se fallará ao paiz e ao principe com mais auctoridade e vigor: «No decreto seguinte proponho a vossa Magestade Imperial uma gloria immensa, e á nação por-«lugueza a capacidade de sahir da miseria e de se fazer popu-«losa e rica; proponho a creação da unica nascente de ma-«teria contribuinte, que póde ser perenne e enexgotavel, por-«que não é mortal, como as conquistas, mas é immortal como «a natureza das coisas.»

Hoje, que já correram mais de trinta annos sobre estas palavras tão persuasivas e propheticas; hoje que a cultura tripliou em algumas partes; que a agricultura e as industrias trabalham mais em mezes, do que então produziam em annos; quem não se inclinará convencido perante a previsão do homem, que assim lia seguro no porvir, ao clarão da sciencia, a historia ainda não escripta do exito dos seus atrevidos committimentos? Quem ousaria cuspir sobre a lisa campa da sepultura do ministro a calúnia de negar o que a evidencia está demonstrando, a injuria de dizer que elle enganára a patria e o rei, ou o absurdo de sustentar em presença dos exemplos que as suas esperanças se converteram em illusões?

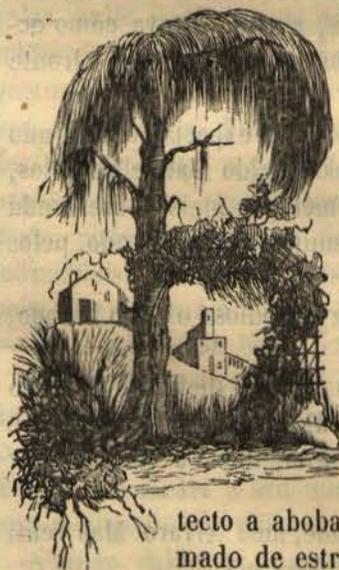
Este foi José Xavier Mousinho da Silveira. Não citámos d'elle senão as reformas, em que inscreveu o nome hoje dourado pelo sol da posteridade. Os seus titulos, e genealogias, cifram-se para nós, em tres datas capitaes e em tres feitos memoraveis: liberdade da terra, revolução economica, e redempção do futuro! Entre as saudades do absolutismo e os perigos da monarchia constitucional o vulto do imperador, e a sombra do seu ministro, erguem-se como aviso, como licção, e como auxilio; e embora os adversarios empenhem os maiores esforços para lhes diminuir a grandeza, ou para lhes anniquillar a obra, continuemos nós com ella certos, de que luctam contra o impossivel. O passado morreu no dia, em que a nação soube o que tinha perdido, e apreciou o que D. Pedro espontaneamente lhe restituiu!

L. A. REBELLO DA SILVA.

## A FILHA DO POVO

1486

I



ellos arraiaes d'Almada! Sois em noites estivas, quando não sopra com violencia a ventania do norte, o regosijo d'aquellas formosas filhas da margem esquerda do Tejo. Formosas sim, que ainda as não vi tanto e em tão grande numero em outro algum logar!

E ali perpassam, á palida luz das lanternas festivaes, dezenas e dezenas d'ellas; todas moças, alegres, lindas e trajadas com simples e encantadora elegancia.

São reuniões aquellas, como de familia: todos se conhecem, fallam e tratam intimamente. É vasto o salão, e sublima-lhe o tecto a abobada amplissima do céo; ora escuro e recamado de estrellas rutilantes, ora azul e esplendidamente illuminado pelo brilho suavissimo da lua.

Amo os arraiaes d'Almada! Gosto de ver todas aquellas raparigas, pavoneando-se ao mesmo tempo modestas e vaidosas, gosando do ar purissimo da villa, embriagando-se no doce amor da juventude.

Pois não sabeis, lindas, que o mesmo solo, que tão descuidada-

mente pizaes, foi, ha mais de tres seculos e meio, scenario de amores tão puros como os vossos; porém mais ardentes e mais contrariados do que são por certo os que hoje tendes.

Era por uma noite de lua cheia do mez de agosto de 1486.

Nunca de nuvens fôra tão limpo o céo, nem tão luzido o luar; similhava uma noite dos tropicos, em que a rainha aerea brilha mais do que o sol de inverno em terras europeas.

N'aquelle pequeno adro do convento de S. Paulo dos dominicos de Almada batia a lua em chapa. De junto á cruz de pedra, que se levanta no meio, via-se ao lado a simples casa religiosa; lá ao longe a linha escura e longa das casarias de Lisboa; mais longe ainda a serra de Palmella; mais proximo um mar de prata, que scintillava e bramia, correndo para o oceano; e, então, mui perto já, mas na frente e do outro lado, o castello d'Almada e as habitações da villa.

E era uma noite linda, e, para mais augmentar o encanto da natureza, o orgão da egreja e o cantar dos frades vinham povoar o espaço com as harmonias magestosas dos canticos sagrados.

Ha nas mesmas fórmãs externas do catholicismo uma poesia divina, que as mais das vezes dá unção e sublimidade a tudo.

Junto á cruz estava sentada uma esbelta menina, vestida de branco, e preso na cabeça um véo preto que lhe descaia donairoso sobre as costas. A alvura do seu rosto quasi que excedia á do vestido; não se divisava porém se eram bellas as feições, porque estava como occulta na penumbra do cruzeiro. De quando em quando voltava a frente na direção da porta do templo.

Havia alguns minutos que assim estava como em expectativa, quando saiu da igreja um moço cavalleiro, muito conhecido n'aquelles sitios, D. Alvaro de Sotto Maior; nobre de nascimento e mais nobre ainda pela gentileza do seu porte, pelo seu valor muitas vezes provado, pelos sentimentos elevados de sua alma.

— Então rezaste, Alvaro? — disse com voz melodiosa o vulto branco, levantando-se e indo para o mancebo.

— Rezei! Sinto n'alma doce consolação, prazer ineffavel, quando ajoelho ante a imagem da Santa Virgem e lhe peço por ti, Maria; e lhe imploro que te dê felicidade junto de mim, que t'a conceda por intermedio meu.

— Nem de ti me póde vir senão felicidade, meu Alvaro. Mas senti agora grande pena de não te acompanhar á egreja.

— Pezou-me tambem a mim... Que pela navè do templo havia apenas tres ou quatro vultos de devotos, bons velhos, affeiçoados nosos; mas o côro estava cheio de frades... se te vissem entrar comigo sósinha, e a estas horas, o que diriam ámanhã por toda a villa em suas murmurações?

— Foi melhor assim. Eu esperei, e tu foste prostar-te junto do altar illuminado da Mãe de Deus. — Já que nos roubaram a nossa imagem de tanta unção e milagre...

— Olvida essa que te fará entristecer... a da egreja, com o seu rosto entre as luzes e as flôres, brilhava com um fulgor mysterioso que me penetrou no coração. Olha, Maria, nós os homens, moços ainda sobretudo, levados, como de roldão, entre o ruido e paixões que nos apresenta o mundo, que nos entreteem e occupam inteiramente, olvidamos um pouco, olvidamos demasiado aquella devoção, aquella fé, que a mãe e a familia nos infundem em creança. Eu sou como todos. Esqueci o nome dos innumeraveis santos a que minha mãe de joelhos e mãos postas me fazia rezar á noute, esqueci aquellas orações, cujas palavras, machinalmente, repetia sem entender. Hoje apenas sei rezar á Virgem, e de todas aquellas preces só gravada em meu coração ficou a Ave Maria.

— E essa basta se a disseres com verdadeira fé.

— Digo. Sinto-me sempre outro, mais forte, invulneravel quasi depois de implorar o soccorro da Virgem: tento as maiores emprezas, sou temerario mesmo. Tenho inabalavel crença de que ha de chamar em meu auxilio a protecção de Deus. No céo, entre os santos, não tenho, nem quero senão a Ella; na terra, só a ti possuo, e só te quero a ti, Maria. Tu que apesar de pobre e filha do povo, és mais, vales muito mais do que essas da minha classe, que tumultuam nos salões de D. João II; tu, que me tens guiado na quadra procellosa, que vae passando para os da minha stirpe, que me tens affastado, com o teu amor, d'essas conspirações todas infelizes e sanguinarias dos nobres contra o poder fatal da corôa, que nos vae cerceando os privilegios, mas engrandecendo com elles a nação; tu que me ensinaste, mais pelo coração do que pela palavra, a pospôr o interesse individual e da minha classe ao bem geral da patria portugueza; tu, pois, que te abandonaste a mim de corpo e alma, que inteiramente confiaste na minha honra; tu serás minha esposa.

— Vossa esposa! nunca! — Gritou um vulto negro que se levantou de traz do parapeito que rodeia o adro. — Nunca! pois que o filho de D. Pedro Alvaro de Sotto-Maior, visconde de Tuy e conde de Caminha, jámais deshonorará o seu nome illustre ha quatro séculos, alliando-se com a filha de um villão!...

— Villão ruim de sangue e sentimentos é esse que me falla! — Clamou o cavalleiro, endireitando-se para o vulto.

— Quem vos falla, senhor D. Alvaro, é João Daguada, escudeiro, que foi, de vosso honrado pai, que viveu vinte annos no seio da vossa familia, que foi estimado por todos os vossos, e que muitas vezes por elles arriscou a vida.

— Menos quando na batalha de Touro deixou meu pae no campo estendido entre os feridos, e se passou para as bandeiras de Izabel e de Fernando ; nem quando acintosamente anda a buscar ensejo de insultar e affrontar as pessoas que estimo e que respeito.

— Enganaram vossa mercê ; foi o senhor conde quem me enviou a Izabel de Castella ; o senhor conde, que depois me recommendou á hora da morte, que vos advertisse da honra do seu nome, para que o não conspurcasseis com o da familia d'essa mulher, que, apesar de ser então ainda quasi infante, já amaveis, com o d'essa familia que me tem calumniado, que vos tem feito esquecer a vossa verdadeira patria e os interesses, isenções e lymbres da classe a que pertenceis, d'essa familia vil e refalsada...

Ao escutar estas palavras, D. Alvaro estremeceu, levantou rapidamente uma vara flexivel, como um vime, que tinha na dextra, e verberou com ella o rosto de João Daguolda.

Travou este de um punhal que trazia no cinto ; mas, vendo Sotto Maior levar a mão á espada, saltou sobre o parapeito e d'ahi para as terras contiguas, bradando :

— Tu me pagarás, Alvaro de Caminha !

E desapareceu.

A menina de branco tinha caído quasi desfallecida sobre os degrãos do cruzeiro. O cavalheiro enclinou-se para ella, dizendo :

— Perdoa, Maria !

— A Virgem sabe se não lhe perdoei já ! — disse meiga, mas dolorosamente a donzella. Porém, voltemos para casa ; o luar, que me parecia tão lindo ha pouco, enegrece-me agora o coração.

## II

Era n'uma casa pequena e rustica d'Almada, debruçada de sobre a montanha para o mar, como velha á borda de um regato, scismando nos seus amores de rapariga.

N'um pequeno aposento, notavel só pela vista magnificante que tinha a janella, e pelo aceio que n'elle reinava, estavam sentados Maria e Alvaro em pratica affectuosa e intima e com as mãos reciprocamente dadas.

Maria recebêra a educação mais esmerada d'aquella época.

Era de uma formosura admiravel sem ser apparatusa ; despercebida a distancia, maravilhava ao contemplar-se de perto. Tinha o rosto e as mãos de uma grande alvura, não d'aquelle branco do leite igual e sem brilho ; mas sim do alvo resplandecente da perola, que não cança, e até regosija a vista. O cabello farto de um louro escuro, entrançado primorosamente, moldurava-lhe o rosto ; as feições todas eram regularissimas e bellas, e azues lhe brilhavam os olhos.

N'estes e em toda ella possuia a serenidade a aparente, que realça a modestia e infunde maior paixão e mais respeitosa, das mulheres do norte. Os olhos então tinham uma luz meiga de ternura e de bondade que lhe dava ares de uma santa. Julgar-se-hia por um momento que a alma lhe remontava da terra, onde nada a prendia, e se elevava ao céu e perdia nas regiões bemaventuradas dos que estão com Deus. Se então fallava a voz, sempre suavissima, tinha a doçura da flauta, ouvida ao longe em noite de luar e a uncção quasi divina da voz juvenil da virgem enlaçada ao órgão do mosteiro.

Mas quando uma aura de amor ou d'outro sentimento grande vinha agitar aquelle regato purissimo de seu viver, desaparecia inteiramente a serenidade, os olhos scintillavam-lhe com uma luz resplandecente e vivissima, e toda ella era amor, e paixão, e entusiasmo e delirio! Similhavam então as suas fallas um hymno ruidoso e arrebatador, e levam-nos apoz si, inspirando-nos tudo quanto é difficil, ingente e sublime. Era o amor, a gloria, e a loucura que se personificavam n'ella para nos endoucerem.

Agora estava Maria n'aquella sua meiga serenidade habitual, mas que tinha hoje um toque mais fundo de melancholia e tristeza.

— Tu és, Alvaro, — dizia ella meigamente — cavalleiro, nobre e filho de um grande de Hespanha e Portugal, como poderás jámais desposar-me a mim, filha do povo!... — Outr'ora, — continuou, animando-se um pouco, — tinha vaidade da minha condição, enobrecia-me o ser oriunda de populares, enlevava-me, ouvindo a meu decrepito avô repetir as orações com que elle e os outros procuradores dos povos tinham em côrtes, durante muitos annos, fulminado o orgulho, abatido o poder dos fidalgos. Hoje o amor que te consagro e esse desejo teu de o queres santificar perante a egreja, o que eu nunca te pedi, mas que era, por certo, a maior ventura de minha vida, fazem com que me lastime de não ter nascido nobre como tu, fazem com que eu renegue as crenças de meus paes, as crenças do povo.

— Não penses tal, Maria! a verdadeira nobreza, sobre tudo nas mulheres é a da alma, é a da virtude; e n'isso és tu mais nobre que rainha alguma, tu que és uma santa.

— Santa!

— Santa sim, erguida e venerada no altar de meu coração!

— A virtude minha é só devida á generosidade e elevação tuas, Alvaro.

— Á honra propria de todo o homem honrado, talvez; e deixa-me ter d'isso orgulho, Maria. Mas, se tal não fosse, não acreditava no teu amor. Já t'o hei dito, e repito-o agora bem do intimo da alma; não creio que a mulher, amando verdadeiramente, amando ardente-

mente um homem, lhe possa resistir. Nas mulheres é tudo o coração, quando elle resiste ao amor é porque o não sente de véras. Da parte do homem, que tem brio, é que está, é que deve estar a sufficiente força para refrear a sua paixão e a da mulher que estremece, pois não deve querer precipital-a n'um abysmo de vergonha, não deve querer arrebatá-lhe a virtude, seu atavio principal. Quantas vezes um homem, gasto dos prazeres, simulando um sentimento que não tem, vae com palavras sonoras e requebros estudados, desvairar o espirito, já de si ardente, de uma pobre menina e arrastal-a á perdição; é esse um vil, que a sociedade a ser justa, devia para toda a vida marcar de ignominia!

Deixára-se Maria suavemente descaír, ajoelhára ante o cavalleiro, e beijando a sua mão delicada, alva, quasi feminil, disse:

— Tu és bom, meu Alvaro!

— Toda a bondade que tenha de ti procede, minha esposa; redarguiu elle, tomando-lhe nas mãos a cabeça, e aos labios achegando-a com amor, ensinou-m'a a tua doce voz, inspiram-me esses teus olhos do céo.

Um bater apressado á porta do aposento fez levantar rapidamente Maria, que foi abrir.

A menina estremeceu ao dar de rosto com sua mãe pallida e assustada.

— Que é, disse ella?

— Senhor D. Alvaro, respondeu a boa senhora com voz tremula, um cavalleiro dos ginetes de Fernão Martins de Mascarenhas diz que el-rei vos ordena o acompanheis a Lisboa.

Sotto-Maior empallideceu tambem; é que uma ordem d'aquellas a um nobre, nos primeiros annos do reinado de D. João II podia, mui facilmente, ser uma sentença de morte.

Os tres olharam-se reciprocamente, não ousando articular um som. Sem animo, vacillante, quasi desfallecida, apoiou-se Maria a uma cadeira para não caír.

Sua mãe foi a primeira que fallou:

— Senhor D. Alvaro — disse com voz sumida — fugi! Uma grande tristeza, como terror do futuro, me ennegrece o coração. Chegastes ha pouco, de Castella, e sabeis, que se diz por cá tramar a rainha Izabel com os nobres de Portugal contra a corôa de D. João II. Talvez alguém, que vos queira mal, fosse calumniar-vos junto de el-rei. É tão difficil ao bom provar a sua innocencia, quanto é facil ao malvado fazer uma accusação. Livre, menos custoso será a vossa mercê convencer sua-alteza de que foi enganado, preso, nem a justiça vos dará para isso tempo. Fugi! Sai pela porta do jardim, e breve estareis fóra da villa. Tomae na Amora um cavallo, ide a Se-

tubal e lá embarcae para Castella ou para França. Acredita-me, senhor, não arroteis com a sanha terrível do homem, que assassinou o duque de Vizeu.

— Julgo que tendes razão... Digo-vos em consciencia, e por alma de minha santa mãe vos affirmo, que jámais tramei contra o rei de Portugal!... mas esta verdade mais difficilmente do que em parte alguma a provarei no fundo de um carcere!... Que dizes, Maria? ha no teu coração de amante, que tantas vezes a presciencia illumina, alguma voz a aconselhar-me que me ausente da côrte?

— Não! — respondeu em tom seguro, scintillando-lhe os olhos, colorindo-se-lhe o rosto, alteando-se na sua figura esbelta. — Não! que jámais diria a um homem que é nobre, nobre d'alma, que fugisse ante a justiça da minha patria. El-rei D. João é o amigo do povo, tu nunca fizeste mal a este, elle não te fará mal a ti. Adivinha-me o coração que tens de arrostar um grande perigo. Mas vae, que o exige a honra! Contra a calumnia prevalecerá a innocencia: el-rei é justiceiro, e a Virgem será por nós!

E Maria declamou isto com tal enthusiasmo no gesto, com tanto fulgor nos olhos, com tamanha paixão na voz que D. Alvaro, arrebatado, tomou-a nos braços, estreitou-a ao seu coração, beijou-a na frente e disse-lhe, afastando-se:

— És tu, filha do povo, que ensinas ao nobre a verdadeira nobreza! Adeus! Reza por mim á Rainha do Céu!

### III

No longo, obscuro e tormentoso periodo de quasi dez seculos que fórma a idade média, constantemente, se pelejou uma lucta encarnicada entre os varios elementos constitutivos da sociedade europea.

O feudalismo, a theocracia, a democracia e a realciza, tomando varias fórmas, debateram-se, triumpharam, successiva e momentaneamente uns sobre os outros, e desfalleceram para tornar a surgir, triumphar e desfallecer.

Estas tentativas de organisação social, todas grandiosas e mais ou menos fundadas no espirito do homem e nas circunstancias do tempo, abortaram, ora pelo seu exclusivismo, ora pela extincção do proprio fundamento, ora, finalmente, porque obstavam á civilisação que do reciproco atrito de todas começava a raiar.

Áquem do facto, momentoso por si e sobre tudo pelos seus effeitos, que separa os tempos modernos dos da meia idade, a lucta continuou até hoje; mas em periodos mais vastos, mais definidos, ou antes com luz mais intensa sobre elles, que n'ol-os deixa ver mais em relevo e côres mais vivas.

Pereceram quasi de todo já o feudalismo e a theocracia; os estrelecimentos que, de quando em quando, ainda lhes sentimos são os arancos do moribundo. Tentar dar-lhes vida é emprehender uma resurreição, o que só compete ao espirito de Deus e não ao do homem. Extinguir-lhes antes os raros bafejos d'ella que ainda conservarem: é poupar-lhes soffrimentos, é alliviar a humanidade d'esse espectáculo de receios e dôr.

Agora luctam ainda, n'um ou n'outro ponto, a realeza, que julga vigorosos os moribundos e por elles illudida, pois os sente ainda estrebuxar por toda a parte, e a democracia que aspira á liberdade e ao progresso. Ha de finalisar-se esta peleja, e hão de os contendores, dando um abraço de fraternidade e paz, conhecerem que está no seu amor reciproco o conseguimento da pacificação e do mais facil e rapido desenvolvimento da sociedade humana.

Ora ao saír da idade média, na segunda metade do seculo quinze, a realeza alliara-se com o povo para destruir o seu maior inimigo, aquelle que mais de perto a ofuscava e affrontava.

Os dois aliados davam então no feudalismo o mais terrivel golpe, o que o prostraria no solo, e de que não mais se havia de levantar.

Predominava este facto por toda a Europa.

Henrique VII na Inglaterra, Maximiliano na Allemanha, Luiz XI na França, Fernando e Izabel na Hespanha e João II em Portugal eram os athletas reaes n'aquella peleja, em que os populares foram illudidos e espoliados, e de que só victoriosos e preponderantes saíram os sceptros.

Foi D. João II dos mais terriveis contendores: o seu panegyrista, sem querer mesmo, retingiu-lhe de sangue, assombrou-lhe de terror muitas paginas da Chronica.

Com sua vontade ferrea immolou sem piedade os nobres mais ativos e poderosos que receiava lhe fizessem estremecer o throno.

Atravez dos seculos e das paginas da historia, ainda hoje divisamos o pavor, que infundia na classe, por tão largo tempo, rival dos reis e oppressora dos povos, o olhar de João II.

Não devem pois maravilhar as hesitações e receios do filho do conde de Caminha. Apenas chegado a Lisboa, viu elle quanto eram justas; prenderam-n'o e conduziram-n'o a um carcere do Limoeiro, já então convertido em prisão real.

São passados quinze dias que ali jaz.

Eil-o pallido, magro e enfraquecido; sentado junto de um bofete, n'uma cadeira d'espaldar de lavor simples. Á primeira vista não parece o mesmo; desfigurou-o a tortura, esse meio hediondo e cruel que a justiça antiga empregava para descobrir a verdade. Dilacerou-lhe os membros, rasgou-lhe as carnes, infligiu-lhe as dôres mais vivas,

e conseguiu apenas ouvir ao cavalleiro reiterados protestos de innocencia.

Proximo a D. Alvaro, de joelhos, sobre um coxim de panno escuro, os cotovellos apoiados na cadeira e uma das mãos de Sotto-Maior, meigamente, apertada entre as suas, está Maria, triste, mas acariciadora, empregando todo o amor e ternura que lhe transparecem nos olhos formosissimos em confortar o cavalleiro, em lhe inspirar resignação, em distrahir-o de seus dolorosos soffrimentos do corpo e do espirito.

Não foi possivel retel-a na sua casa d'Almada; penetrou no paço quasi escusamente, lançou-se aos pés do monarcha e disse-lhe que a neta de um dos mais honrados procuradores do povo, durante os tres reinados anteriores, lhe rogava ir encerrar-se na prisão com o misero cavalleiro seu noivo. Tantas foram as supplicas e as lagrimas que se apiedou o rei... é que tinha coração para os infelizes o filho de Affonso v.

Um dos letrados da casa da Supplicação, com o seu rosto pallido e a sua garnacha escura, estava defronte dos dois amantes.

Eram os jurisconsultos, que ajudavam e impelliam os reis na sua obra; as leis da antiga e da moderna Roma serviam-lhes de ariete para destruir a nobreza e enthronisarem o absolutismo.

— Senhor D. Alvaro, dizia o doutor, n'esta nobilissima, porém mais que todas pungidora missão de administrar a justiça, jámais me hei sentido afflicto, como no caso que vos diz respeito. Foram empregados debalde todos os meios para descobrir se vós ereis ou não conspirador. João Dagualda porfia em accusar-vos como tal. As vossas relações com o duque de Vizeu e o bispo de Evora, com D. Fernando de Menezes e D. Pedro de Athaide, já todos mortos por justiça de el-rei, — e aqui o doutor fez uma profunda mesura, — e principalmente a vossa ida a Castella são as unicas provas de que tinheis o intento, que vos attribuem, de matar o senhor D. João, — e de novo curvou a frente, — rei pelo voto dos concelhos, rei principalmente por direito divino.

— Já a isso respondi cabalmente, doutor, disse o cavalleiro com voz desfallecida. Tinha relações com esses infelizes que Deus tem, porque eram da minha classe, porque estivera com elles nos campos de batalha, porque os encontrava todos os dias nos paços de el-rei. Fui a Castella, porque tenho lá casa e parentes, porque negocios de familia me chamavam lá.

— Hoje assim o creio, senhor cavalleiro; os juizes porém da Supplicação não estão conformes ainda todos, e sua alteza o senhor D. João II, — outra mesura, — a quem sabeis, todos estes feitos são presentes, e de cuja vontade depende sobre tudo a sentença, porque a

lei é o querer de Deus, e o querer de Deus é o querer do príncipe, está de tal modo decidido a manter como lhe compete, o poder da corôa, e a defender este reino contra os conloios de Castella, que, sinceramente, muito vos receio pela vida.

Maria estremeceu, e o seu alvo rosto tingiu-se d'aquella côr amarello-escuro que dá a melancholia profunda e prolongada ou o medo grande. A D. Alvaro não se lhe agitou um musculo, e respondeu no seu primeiro tom:

— Faça-se a vontade da Virgem Mãi de Deus!

— E depois nós os homens de justiça, continuou o doutor, não sabemos explicar aquella contumacia de João Daguolda, antigo servidor dos vossos, em accusar-vos como traidor, e em querer mal á bella e santa menina que ahí tendes. O haverdes-lhe fustigado as faces não é sufficiente causa para n'um homem da sua condição arreigar tamanho odio. De provardes ou não sua calumnia suspensa vos está a vida. E como havemos de declarar-a tal não o sabemos nós.

— Sei eu! disse Maria, — levantando-se de um salto, as faces affogeadas, os olhos faiscantes, — sei-o eu, e não o disse já, porque me vexava, porque Alvaro ordenou-me que vol-o occultasse, porque pensei que ereis mais providentes, julguei que a cegueira da justiça era em quanto á condição dos réos para a todos applicar igualmente a lei, e que lhe era facil, na sua perspicacia e rectidão, discriminar o bem do mal, o innocente do criminoso, descobrir com todos os seus immensos meios de sciencia e dinheiro aonde a verdade, aonde a calumnia! Mas enganei-me, e, visto que a vida de Alvaro depende d'essa revelação, hei de desobedecer-lhe, tudo direi a el-rei; direi por que o servo abjecto e vil me quer mal, e como sabe, que, se Alvaro morrer, eu morrerei tambem, por isso quer leval-o ao cadafalso. Mas não ha de ir. O cavalleiro e eu, — disse com voz inspirada, — temos por egide a protecção da Virgem; disseram-me que el-rei é tambem devoto da Mãi de Deus: irei fallar-lhe em seu nome, e em nome de todo o povo de Portugal; irei dizer-lhe que o sangue do innocente, espadanando-lhe para a corôa, lhe ha de marear o brilho, mostrar-lhe-hei que os direitos dos populares não se sustentam, sacrificando-lhe o justo, dir-lhe-hei que a independencia portugueza tem por si o coração de todos os portuguezes, e que nada podem as ambições de Isabel, a castelhana, contra um povo forte do seu direito; dir-lhe-hei finalmente, o que tiver sobre o coração! Vinde pois, doutor! levai-me aos paços do rei de Portugal, aos paços d'aquelle que, segundo vós dizeis, administra n'esta nossa terra a justiça de Deus!

E radiante de enthusiasmo, de inspiração, de insania talvez, Maria travou do jurisconsulto e levou-o apoz si para fóra do carcere.

## IV

As mesmas horas, pouco distante, nos paços d'Alcaçova, como o dia fôra abrasador, D. João II e alguns fidalgos e jurisconsultos passeavam n'uma esplanada, que dominava a cidade e o Tejo.

Eram varios os grupos, e convergiam, como de rasão, as attenções de todos para aquelle onde estava el-rei, composto de pessoas mais distinctas pelos seus serviços e fidelidade á corôa, do que pelos seus brasões e nascimento. Ali se viam Diogo d'Azambuja, que as navegações e guerras haviam tornado manco e velho; D. Diogo d'Almeida, o amigo d'infancia do rei e tão feliz nas expedições d'Africa; Ayres da Silva e Antão de Faria, seus camareiros e privados; os doutores Ruy da Graan, depois compilador das Ordenações Manoelinas, e Diogo Pinheiro, elevado a bispo do Funchal, e alguns outros, cujos nomes as chronicas do tempo nos memoram hoje.

— Sabei, senhores, — disse, em voz mais alta que até ali, el-rei, parando e sendo em breve rodeado por todos quantos passeavam na esplanada, — sabei que na ultima jornada que fizemos d'Evora para Estremoz, João Alvares, o Gato, cavalleiro da nossa real casa, por ser *grande pensador e concertador de cavallos*, indo, como vistes, mui bem posto em formoso ginete, seguido de escudeiros e creados, topou com um almocreve, que, vergado pela miseria e pelos annos, levava de feira em feira as suas mulas carregadas. Saudou-o, respeitoso o ancião; mas o cavalleiro João Gato, voltou para o lado o rosto e passou ávante sem lhe dizer palavra. Reconhecêra no pobre almocreve o seu velho pae!

Todos em torno do rei, mas pela maior parte affectadamente, fizeram um gesto de indignação.

D. João II continuou:

— Nunca os titulos de nobreza, que eu dê, hão de legitimar, nem desculpar ingratições e descortezias d'estas. Visto que João Alvares despreza seu pae, e, sendo rico, o não tira d'aquella vida e lhe faz bem, é um homem vil e indigno de pessoa alguma se fiar n'elle. Ide pois, Antão de Faria, dizer-lhe isto, e que se retire da côrte e não mais torne a apparecer ante mim.

Ao pronunciar estas palavras o rei fez um gesto de ira, e tanto esta se lhe pintou no rosto, que amedrontou a muitos dos fidalgos. Antão de Faria saíu immediatamente da esplanada para cumprir a ordem real, e tudo por algum tempo ficou silencioso.

Ainda muitos rostos estavam voltados para o lado, onde desapparecêra o camareiro, quando assomou á entrada um vulto branco de mulher e uma garnacha triste de letrado.

Havia muito que se escondêra no horisonte o sol, e começava a noite a assombrar a terra; a figura pois alva e erecta de Maria similhou repentinamente, n'aquelle abalo dos espiritos, uma phantastica apparição.

Rapida, a fronte levantada e magestosa caminhou a menina para D. João que a olhava admirado.

— Senhor rei de Portugal, — disse com voz segura ao chegar perto e ajoelhando, — jaz em prisão um innocente, que os vossos juizes tem torturado cruelmente para se confessar criminoso. Deve á firmeza de seu espirito e rectidão de sua alma o ter podido até hoje resistir a tão barbaro tratamento. Um homem calumniador e infame o accusou de traidor, quiz fazer de vossa alteza e de vossos tribunaes de justiça instrumentos de sua vingança. Rogo-vos, senhor, pela Virgem Mãe de Christo, que tanto veneraes, o examinardes, attenta e desapaixonadamente, este caso, e haveis de conhecer que Alvaro de Sotto-Maior está puro da culpa que lhe attribuem, e que foi sempre, e sempre será servidor leal vosso e do vosso reino.

— Acabo de punir um homem por desprezar o pae, não posso perdoar a outro que atraíçoar a patria; — respondeu o monarcha brandamente. — Temos examinado e examinaremos ainda o processo d'esse homem, que tanto vos interessa. Se estiver innocente dar-lhe-hei a liberdade, e será punido, devidamente, o calumniador; mas se fôr convencido de crime, desde já vos digo, senhora, que são debalde supplicas e rogos; não posso perdoar-lhe; ser-lhe-ha infligida a pena dos traidores.

— Só vos peço justiça, real senhor! — porém, ameigando mais a voz já de lagrimas, e estendendo supplicante as mãos para D. João II continuou: — Confrontae-me com o servo desleal e máo, senhor; só eu conheço o fio da sua trama horrivel, que a prevalecer, entregará ao algóz o justo, e fará exultar o criminoso. Isto rogo a vossa alteza pela Santa Virgem, e pelas chagas divinas de Jesu-Christo!\*

— São valiosos os protectores e é o pedido justo; agora mesmo o cumprirei. Doutor, — disse para um dos jurisconsultos, — fazei que João Dagalda seja trazido á nossa presença.

Tomou uma das mãos de Maria, levantou-a, e, seguido por todos, se dirigiu ao paço.

---

Pouco depois estava D. João II n'uma vasta sala, tristonha e mal illuminada; recostado n'uma grande cadeira dourada, erguida sobre

\* D. João II confessou á hora da morte, que nunca em sua vida lhe pediram coisa em honra das Cinco Chagas que não fizesse.

um estrado; alguns letrados sentados gravemente em escabellos razos de um e de outro lado; e Maria, desfallecida da exaltação em que estivera, jazia n'um canto, alvejando-lhe as roupagens nas sombras do salão.

Todas as vistas se dirigiam para ella; contemplavam na formosa menina a estatua do pezar, do amor, da dedicação e da bondade; e todos se commoviam, e todos receiavam por ella; pois a accusação era tal que, a não ser claramente contradictada, causaria por certo, a morte ao infeliz D. Alvaro.

Depois de alguns instantes de silenciosa expectativa, franziu-se um reposteiro no fundo da sala; João Dagualda appareceu e caminhou, acanhadamente, para onde estava el-rei.

O galego, que o era, tinha a estatura baixa e magra, o craneo chato, o cabello castanho corredio e empastado, o rosto pardacento e uns olhos sem luz e que jámais se encontravam tranquillos e fixos. Repugnava o seu aspecto, e, se cada homem tem um animal irracional a que assimelhe, aquelle parecia-se com a osga.

N'uma coisa porém se avantajava aos de sua condição: possuia linguagem e pronuncia faceis e correctas.

— Homem, disse-lhe el-rei, nada se póde descobrir de verdadeiro na accusação que fizeste contra teu amo; tens em risco a vida, porque mentir-me n'um caso d'estes, e contra pessoa a quem devias respeito e afeição é crime de morte.

— Mais effeição e respeito devia a vossa alteza e á verdade; sempre quiz muito, e muito honrei a familia de Sotto-Maior; mas esse affecto não me desvairava o espirito de tal modo, que o antepozesse á lealdade que vos devo, real senhor, desde que sou portuguez, desde que meu nobre amo, o visconde de Tuy foi pelo senhor D. Affonso v, nomeado conde de Caminha, e nobre de Portugal.

— Desconfio da tua lealdade, João, nada vejo a confirmal-a.

— Pois não está em demasia provada a traição de D. Alvaro pelas suas intimas relações com os fidalgos portuguezes, que armavam insidias contra vossa alteza e contra o reino; pela sua ida precipitada a Castella e praticas que lá teve com os homisiados portuguezes; pelo seu viver retirado e occulto em Almada, com uma familia de condição tão inferior á sua?

— Porém a mais honrada e leal d'aquella terra, onde jámais houve um traidor á sua patria. E ali tendes a confirmar meu dito aquella menina, symbolo d'affabilidade terna e desprendimento de si.

— Ah! disse Dagualda, vendo-a e estremecendo, a barregan de D. Alvaro!

— Cala-te homem! que se tornas a insultal-a, mando-te esquarterar no pelourinho da sua villa!

E fuzilou um relampago tal n'aquelle seu olhar, tantas vezes de sangue, que o miseravel empallideceu e recuou de terror.

Commummente vivos, perspicazes e meigos tambem os olhos do rei, tingiam-se, quando se irava, de uns laivos de sangue, que infundiam pavor até nos seus mais privados cavalleiros.

Houve um momento de silencio. Depois el-rei continuou já de animo sereno e a palavra animadora:

— Vamos, Dagualda, ou tu ou D. Alvaro serão victimas da justiça, confirma se podes a tua accusação.

— É assaz o que hei dito, senhor; mas para a mais incredula rasão, será manifestamente clara esta derradeira prova. É um escripto, — disse, — tirando um papel do peito, dirigido por D. Alvaro aos portuguezes, refugiados em Castella, em que promette assassinar-vos. Fui encarregado de o levar, mas não lh'o entreguei. Oiça vossa alteza.

Leu:

«Remetto-vos da minha affeição um penhor de familia para mim valiosissimo.

E nada mais recieis, que, para vos evitar novas affrontas, cravar-lhe-hei um punhal no coração.»

«Alvaro»

Enfureceu-se terrivel o rosto do monarcha, levantou-se e travou com violencia do papel.

Leu, examinou a letra, conferiu-a elle e os jurisconsultos presentes com a d'outros escriptos da mão de Sotto-Maior, e, não havia duvida alguma, era do cavalleiro!

As alvas espaçosas dos olhos de João II estavam de novo agora avermelhadas, e por entre os veios sanguineos scintilhava-lhe um fogo de morte.

Dirigiu-se colerico a Maria.

Esta ficára tão sem vida, depois da sua exaltação no carcere e na esplanada, que não attendêra quasi ao que se lhe passava ao redor; apenas de leve lhe fulguraram os olhos ao escutar o escripto de D. Alvaro. Attonita ouviu D. João bradar-lhe:

— Erguei-vos, senhora! e ide já dizer a esse fidalgo, que quer assassinar seu rei e entregar Portugal a Castella, que se prepare para morrer amanhã! Se duvidaes do seu crime, ahi tendes a prova!

E arrojou-lhe aos pés o accusador escripto.

Maria curvou-se, apanhou o papel, endireitou-se e leu-o com a suave tranquillidade que lhe era habitual. Quando tornou a olhar para D. João, este disse-lhe com tom determinado e irrevogavel:

— Morrerá!

— Quem? — perguntou ella docemente.

— Alvaro de Sotto-Maior, senhora!

— Alvaro de Sotto-Maior!... — Disse Maria ainda no seu tom de mansidão, e distraída como se não fôra em si. Mas depois de um momento de silencio, em que se lhe leu na tez a reflexão do cerbero, começou a sua transformação admiravel: as faces coloriram-se-lhe primeiro de leve, depois de carmim vivo; os olhos incendiaram-se-lhe de uma luz que resplandecia e offuscava; engrandeceu-se-lhe a estatura, augmentando-se-lhe a belleza e a magestade; ergueu apaixonadamente os braços a afastar o cabello que em partes lhe caía sobre o rosto, e com lyrismo e commoção na voz indiscriptiveis, clamou:

— Não ha de morrer! que o não quer Deus, que o não quer a lucida, santa e divinal Estrella do christianismo!... elle é innocente, cavalleiro pondonoroso e leal á patria e ao rei, e amigo do povo portuguez, digo-vo-lo eu, senhor, que sou filha do povo e portugueza!... Este papel é escripto por D. Alvaro, sim; mas em nada ameaça vossa authoridade real, e muito menos vossa preciosa vida. A quem promette cravar um punhal no coração, não é a vós, senhor, é áquelle miseravel que me tinha affrontado, e que elle não queria que me affrontasse mais. Dir-vos-hei tudo. O servo abjecto e vil viu-me; quiz-me; cuspiu ante mim phrases immundas, cuja significação não entendi bem. Apenas adivinhei, com asco, desejar aquelle homem desposar-me ante os altares de Christo, e dar-me por amante a D. Alvaro de Sotto-Maior. Foi ha um anno, meu pai ainda era vivo; ouviu as palavras do villão ruim, e expulsou-o, violentamente, da nossa casa. Desde então calumniava-me por toda a parte, e procurava occasiões de me injuriar e aos meus. D. Alvaro soube isto em Lisboa, e escreveu-me este bilhete que o malvado tirou ao pagem que m'o levava. D'isto tereis, facilmente, a prova. O penhor de que reza a carta era uma pequenina e antiga imagem de Nossa Senhora de esmalte e ouro, que tem na pianha o brazão de D. Alvaro e o meu nome gravado em gothico; roubou-a tambem ao pagem, e provavel é que a possua ainda. Examinai; interrogai o portador; consultai testemunhas se quereis em Almada, e vereis como é esta a verdade. Vossa alteza, em nome de Deus, tem de ser em Portugal o juiz supremo! e é em nome de Deus e de sua Mãe Santissima, que vos emprazo, senhor rei, a punir aquelle homem que é vil e é calumniador, e a dar a liberdade e a rehabilitar a honra do outro, que é innocente, que é leal e que é justo!

Tamanha era a convicção profunda, a verdade, o entusiasmo e elevação que transpareciam da linguagem, do gesto e dos olhos illuminados de Maria n'aquella sublime allucinação, que D. João II comovido, e, o que é ainda mais admiravel n'elle, avassalado pela força magnetica da virgem, respondeu:

— Estou convencido, senhora!

Depois, cominhando vagaroso e grave e de terrível aspecto para João Daguada disse:

— És o mais ignobil miseravel que hei visto; apresenta já a imagem que roubaste!

Regelavam de susto o coração de todos as palavras do rei: o corpo do escudeiro interiçou-se, levantaram-se-lhe hirtos os cabellos, e esverdeou-se-lhe completamente o rosto. N'aquelle estado de terror não poudes articular um som; apenas apertou com ancia o peito, como se occultasse ali coisa que lhe quizessem tirar.

Foi-lhe traidor o gesto.

A um aceno do rei dois homens d'armas entraram, travaram d'elle, palpam-no e arrancaram-lhe do seio uma pequena imagem de esmalte e ouro.

Tal como dissera a amante de Alvaro, na base, viam-se as armas dos Sotto-Maiores, as tres faxas enxequetadas de ouro e vermelho, e por baixo do escudo em caracteres gothicos a palavra *Maria*.

Perfeita e linda era a imagem. El-rei examinou-a com piedade de christão e amor de artista. Depois entregou-a com respeito á joven, dizendo-lhe:

— Agradecei-lhe, que vos salvou e a D. Alvaro.

Maria recebeu-a transportada de alegria e terna gratidão. Ajoelhou, levantou-a em adoração, e exclamou compungida:

— Oh! Virgem Mãi Santissima, vós lhe remunerastes hoje a sua devoção para comvosco!

---

O processo continuou ainda alguns dias; a perversidade de João Daguada tornou-se evidentissima, e teve o merecido castigo.

D. Alvaro foi reintegrado em todas as suas honras e muito acrescentado n'ellas; e, finalmente, no dia 21 de setembro d'aquelle mesmo anno, desposou Maria, sendo padrinho do casamento el-rei D. João II.

Coimbra, Março de 1862.

BERNARDINO PINHEIRO.





D. fec 1862.  
a Lisboa



memoria do coração! Era uma prenda estremecida! Alegrára e apertára duas almas! Havia feito desferir igual sorriso de ventura no presenteador e na presenteada.

O que denominamos aqui, leque historico, e que o é, pertencia a S. M. a Rainha D. Maria II, de saudosa lembrança. Foi expressamente pintado e desenhado pelo real artista para lhe ser offerecido. O panno de um lado é enriquecido de graciosas pinturas; e do outro adornado de bellos desenhos á penna. A gravura que abrilhanta o nosso jornal, é copia do primeiro panno. Nota-se, como em todas as obras de S. M. El-rei o Sr. D. Fernando, bastante originalidade na concepção. Os traços são ousados, caprichosos e espontaneos. Inspira-lh'os a imaginação, que é fertil, e que se deleita nas excentricidades. Adora como Hoffman o phantastico, e busca sempre cultival-o nos seus devaneios. Em pequenos quadros agrupa muitas figuras, figuras variadas e distinctas, umas que são puras creações do ideal, outras que são copias exactas da natureza. Do seu lapis ou do seu buril nada passa desapppercebido e nada lhe captiva de preferencia a attenção. Parece que lhe auxilia o pensamento tudo que avista da janella do seu quarto! O passarinho que pousou na arvore fronteira, o gato que passeia á beira do telhado, o cavallo que no pateo escarva o chão mordendo o freio, o cão que adormeceu á sombra do castanheiro, o pavão que ostenta as côres vivas da cauda doiradas pelos raios do sol, são logo reproduzidos, confundindo-se nos arabescos de que geralmente guarnece as suas composições. Mas n'aquella mesma confusão e desordem, existe harmonia. A par das exaggerações e extravagancias, ha tambem fina observação e toques extremamente verdadeiros. O que porém, transparece em todas as obras de S. M. El-rei o Sr. D. Fernando, é um sorriso leve e franco, o mesmo sorriso que lhe brinca naturalmente nos labios, e que retrata aquella alma sempre juvenil, e sempre grande, aquella alma de artista que passa descuidosa e serena no mundo, espalhando os beneficios, sentindo e acolhendo os generosos enthusiasmos, extasiando-se na contemplação do bello, e realizando para seu vehemente coração os sublimes prazeres de que tomam seu quinhão os amantes da arte, que no elevado espirito de S. M. tem sido uma irradiação de luz para grandes espiritos descobertos em sua obscuridade.

Diremos, agora, que o leque pertencente outr'ora a S. M. a Rainha a Sr.<sup>a</sup> D. Maria II, foi mandado a França pelo regio artista, para ser esmaltado de oiro e cravejado de pedras preciosas, e foi depois offerecido a S. A. a Sr.<sup>a</sup> Infanta D. Maria Anna.

Herdou, pois, a filha adoravel e adorada, aquella reliquia de sua mãe, cujas virtudes tambem herdára. Sobre o pai e sobre a filha desceu logo uma benção do céo. E ambos viram atravez das lagrimas a imagem da sancta que os abençoava .....

Devemos ao benevolente e honroso patrocínio de S. M. El-rei o Sr. D. Fernando, a esperanza de possuirmos ainda a copia do segundo panno do leque. Tal esperanza é quasi uma promessa segura, e por isso a insinuamos aos nossos assignantes. Palavra de rei não volta... e a *Revista Contemporanea*, tem no real artista o exemplo d'esta gloriosa diviza.

ERNESTO BIESTER.



Harbor, pois a ilha aborax e aborax, aquella velhinha de  
 que mais vezes viestes também barba. Sobre o que e sobre  
 a ilha de seu nome, de que se aborax e aborax, e  
 vez das lanchas a lancha de aborax que se aborax.

De novo ao pensamento e pensamento de S. Michel-  
 e de S. D. Fernando, e pensamento de pensamento e aborax.

do que se aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax  
 e aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax e aborax.

do que se aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax  
 e aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax e aborax.

do que se aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax  
 e aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax e aborax.

do que se aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax  
 e aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax e aborax.

do que se aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax  
 e aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax e aborax.

do que se aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax  
 e aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax e aborax.

do que se aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax  
 e aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax e aborax.

do que se aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax  
 e aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax e aborax.

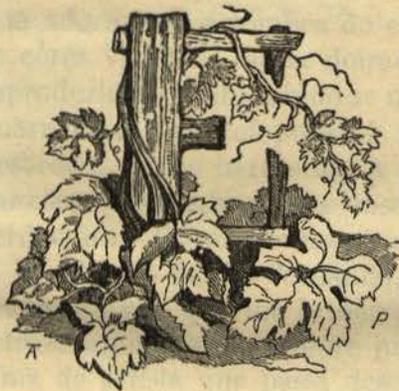
do que se aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax  
 e aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax e aborax.

do que se aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax  
 e aborax e aborax, e aborax e aborax, e aborax e aborax.

# POETAS E PROSADORES

(CARTAS A ERNESTO BIESTER)

## I



stas minhas cartas, sem atavios, chans e correntias, has de lel-as, meu amigo, como, se o que vai escripto, fosse fallado em fluen-te pratica, n'uma banca de «café,» ou debaixo de uma arvore ripada e enfezadinha do «Passeio.» É isto um conversar, ao sabor das idéas como ellas lá occorrem, a quem, de cinco em cinco minutos, sacrifica o methodismo do discurso a diversões de tanta ou tão pouca ya-

lia como apertar a mão ao conhecido que passa, e escutar o fremito das ondulosas dobras de um vestido de senhora, o piar de algum pardal tresnoitado, ou a phrase da orchestra, que nos dá rebates saudosos de uma situação e imagem reproduzida pelo milagre da musica. Milagre, digo, meu caro Ernesto, porque o viver presente é tão bonito, a gente anda toda tão feliz com o dia de hoje, e tão alegre nas esperanças de amanhã, que, só por milagre da musica, póde o passado importunar-nos com uma visão saudosa. Isto é verdade.

Imagina, pois, tu que eu te estou dizendo, aqui n'estas linhas, o que sinto e penso de uns livros, que de fugida li, e de outros, que for lendo, nos curtos intervalos, em que me sento a limpar o suor á borda do sulco, em que ha tantos annos revolvo, não leiva para medrança, mas terra de barro e cascalho, com admiravel paciencia minha, e pasmo dos meus amigos.

Direi, primeiro, do livrinho de Pinto Ribeiro. Já na tua penultima chronica litteraria esclareceste a obscuridade do titulo: COROAS FLUCTUANTES. Fizeste bem, que já por ahi andava nuvem de mosquitos a zumbir á volta do titulo, que apparecêra na secção dos annuncios, sem o prefacio explicativo. A gente critiqueira, que eu mais temo, é a que dispensa ler um livro, logo que teve a felicidade de lhe ver o nome, na vidraça do livreiro. Já uns taes por ahi diziam que o poeta a si mesmo se coroava com os seus poemas, para forrar á republica as incommodidades de o coroarem oficialmente como a Tasso e Quintana.

Vieste muito a tempo, dizendo que Pinto Ribeiro tirou de uma graciosa usança das moças de Varsovia o titulo de suas poesias. São corôas de flores, que derivam na torrente, e com ellas os desgostos. *Esperanças desfolhadas, pensamentos afflictivos, magoas desesperadas, mallogrados amores, tudo ali desapparece de prompto e a ponto, deixando a alma de novo a tragar espaço e liberdade.* Perigrina explicação de um formoso titulo! Ahi está, pois, que disparou em mais uma das mais insinuantes poesias do livrinho o que pareceu aos vesgos estranha immodestia.

Sabes que eu me preso de ter sido o mais solícito apregoador dos versos de Pinto Ribeiro?

Ha cerca de sete annos que eu escrevi o meu parecer sobre as «Lgrimas e flores» do poeta portuense. Raro anno se tem volvido sem que eu appelle do marasmo dos bons poetas, e da fecundidade dos mãos, para o solido e estudioso engenho de Pinto Ribeiro. Para os jornaes litterarios, em que tenho collaborado, pedi-lhe sempre uma pagina, e contentava-me com algumas linhas, porque era sempre de lei a pequenina baga de ouro, que elle dava, sempre perolas, que muitas vezes vi afocinhadas por cerdos.

Ainda, no anno passado, te escrevi, convidando-te a publicar n'este teu jornal poesias de Joaquim Pinto Ribeiro. De tua parte houve prompta annuencia; o poeta, porém, quiz que o seu livro em tudo similhasse a corôa fluctuante, que as virgens da Varsovia fiam da onda do seu rio: deitou-o ás encontradas correntes d'este mar, como quem se não teme do menospreço ou desdem, e mais se quer olvidar das flores, que o mundo logo olvidará tambem.

Abre comigo este livro de 180 paginas. Ha já um grande merecimento n'esta parcimonia. Um livro, que tem quatrocentas laudas, é já uma iniciação de martyrio, quando nos vem da livraria com as folhas pegadas, e um consummado infortunio, quando a curiosidade nos punge a leval-o de tres fôlegos até ao indice.

A primeira poesia é a *Espada de Affonso Henriques*.

Já a leste, e sinceramente adevinho que a não releste. Foi, por ventura, esta poesia que te induziu a escrever... «Todas as vezes que o sentimento enche o coração do poeta, as cordas da lyra vibram-lhe maviosas e sonoras. Quando, porém, se deixa levar do arrojo de um pensamento ousado, não é tão feliz: prejudica-lhe o esmalte com falsas imagens.»

Vou desavir-me contigo, e esta desavença ha de dar que fallar á noite no Rocio. De certo, leste as *Contemplações* e a *Legenda dos seculos* de Victor Hugo. Da primeira á ultima, paraste muitas vezes assombrado das allegorias e methaphoras audaciosas do eminente escriptor. O teu discernimento litterario muitas vezes te disse que só um engenho santificado pela veneração universal podia dar cunho de boa moeda litteraria a atrevimentos desconhecidos nas velhas poeticas, e indefiniveis aos modernos legisladores. E, sem embargo, accitaste como sublime o que vinha de Victor Hugo, o qual, por que tem cartas de creador, póde mudar settas em grellhas, a beneplacito do genero humano, e seu.

Se me perguntas qual quilate assigno ás *Contemplações* e á *Legenda dos seculos*, respondo-te que é tudo grande, tudo esplendissimo, em tudo se ouve o estridente voar da aguia, que perde este mundo de vista, e vae, de nuvem em nuvem, conversando com os seculos porvindouros, que por lá se estão incubando as futuras coisas e futuros entendimentos. Eu, de mim, alegro-me de lhe ouvir o estridor das azas, e digo, ao que entendo e ao que não entendo: «magnifico e sublime!»

Ora, façamos agora de conta que um dos nossos irmãos em letras, amoldurando a phantasia pelo que nos vem lá de fóra, se affoita, sem menoscabo da lingua, a medir o vôo ás alturas d'onde os poetas europeus legislam o sublime do nosso tempo, tão diverso do sublime de Longino, de Aristoteles e de Horacio. Sáe-nos o moço com estranhas figuras em lingua patria, com dizeres nevoentos, e intangiveis a um espirito que desadora enigmas, e logo nós, por honra da critica, lhe acudimos a dizer que seja singelinho e claro, que nos não intalle com phrases turgidas, nem nos force a ir atraz da sua phantasia por todos os labyrinthos, em que ella se enredou, até lhe encontrarmos vestigios de saída.

Isto assim não tem geito, meu caro Biester.

Tu viste falsas imagens em alguns versos de Pinto Ribeiro, e eu, com summa candura te digo, que vi poesia e só poesia, como eu a entendo, quando lhe é lei alevantar-se para merecer o titulo. Acreditei-o assim, porque esses atrevimentos me elevavam o espirito; e, se alguma vez me fogem do primeiro alcance, lá vou dar com a justeza da methaphora, e do trabalho me pago com o prazer de encontrar-lh'a. A ti, meu amigo, sobra-te claro juiso para aquilatares a joia que perde o brilho no espaço que vae do engenho do poeta á nossa banca de estudo. O que tu estranhas, e eu tambem, á primeira vista, é o desusado em nossa lingua, em nossos poetas, e nos mais classicos poetas. Erro, porém, é dizer que não quadram á nossa indole os atrevimentos, que se applaudem nos idiomas estranhos.

Na *Espada de Affonso Henriques*, hei de condizer contigo na ultima strophe: é aquella em que o poeta diz á espada que, salvo por ella o reino, virá a repousar-se,

*Tendo o Douro caudal por talabarte  
E o Porto por bainha.*

Aqui não ha desmancho de bom siso poetico; mas ha coisa que dissaboreia ainda mais: é o gongorismo de triste memoria. Aposto eu, porém, que o atrevimento metrificado em francez havia de ser aforado com titulos de feliz arrojo?

Passemos vinte paginas de poesias lyricas, se devem chamar-se assim uns como fragmentos conceituosos de algum grande poema, que, a revezes, tem lampejado ao espirito de Pinto Ribeiro. Não o pensas assim, quando se te depara uma poesia, sem titulo, que cifra n'esta quadra:

*Bella, eu lhe disse, no teu calmo gesto  
Todo o socego do teu peito leio;  
Bardo, disse ella co'um sorriso honesto,  
A lua é calma, e tem vulcões no seio.*

O *Temporal na Madeira* é admiravel na metrificacão, vale como coisa engenhosa, em que a rima é muito, e a idéa raro deixa de sahir lustrosa d'entre os empeços do rithmo que tendem a obscurecê-la. Assim mesmo, é, a meu ver, a somenos poesia do livro, e a mais laboriosa. Pinto Ribeiro, já no seu primeiro volume, se afadigou com similhantes difficuldades de metrificacão bem mal compensadas no resultado. E, depois, este *Temporal na Madeira*, não alvoroça nem commove: é mais poesia para se ler á beira de um lago quieto, azulejado e estrellado pela cupula celeste.

D'esta pagina em diante, aqui tens a *Paisagem*. Vê tu como ahi pullulam as bellezas das melhores eclogas do Lobo e Quita. Isto é que é de veras portuguez no geito, nas tintas, e nos pontos da natureza rustica, em cuja copia mais se deleitavam as palhetas, embebidas nas cores de Virgilio e Theocrito.

Lê-me agora esta AMELIA, que está morta, e no esquite é ainda bella,

*D'essa belleza radiante,  
D'esse encanto que só vem  
Das estrellas reflectidas,  
Ou das lagrimas cahidas  
D'uns ternos olhos de mãe.*

Morrêra no mais verde dos annos, por que

*..... á innocencia  
Como á pobre flor aldeã,  
O Senhor quer que a existencia  
Se finde na antemanhã.*

Agora, a BELILLA, namorada de um anjo loiro, que a viu ao pé de espelhada fonte, e a convida a seguil-o:

*Oh! comigo, ó filha do homem,  
Sobe aos limpidos espaços,  
Vem ser anjo nos meus braços,  
Eu serei mortal nos teus.*

E a moça, leal aos seus amores da terra, resiste á seducção do anjo; e este, que, com suas paixões, não sustenta a dignidade propria da sua pessoa, quer arrebatá-la, n'uma nuvem diamantina; e ella, mesmo assim, vae clamando que ha de ser até á morte, e além da vida, do seu Ortez. Ora já vêes que este sujeito era hespanhol, e estava ali perto da fonte, escutando em ancias os afagos do anjo. Quando, porém, o alado amador envolveu a raptada menina na nuvem, sáe o castelhano, e exclama:

*..... «ah! dom traidor!»*

E, tirando da sua espada de Toledo, está claro que o anjo não quiz mais saber da moça, e largou-lh'a, e deu a fugir de modo que o proprio dom Ortez, contando a façanha, remata assim com a costumada modestia da sua terra:

*O amor salvou-a a ella,  
E as azas ao seductor!*

Creio que releste a poesia: *Á luz do crepúsculo*. Eu não sei dizer qual verso das onze paginas seja frívolo, froxo, ou pobre de pensamento. Estou a ver qual relanço hei de trasladar para que os leitores do teu jornal, que ainda o não são do livro, se dêam de o não conhecer. Lê comigo estas quadras, ligeiro rythmo em que raro terás encontrado tão graciosos e levantados pensamentos:

Pois que para ti me chama  
 Esse poder immortal  
 Que a Beatriz eleva Dante,  
 Que eleva a alma ao ideal;

Pois que, entre as sombras profundas  
 Da existencia, é a mulher  
 O so anjo que o Eterno  
 Nos permite ao perto ver;

E meus pensamentos tendem  
 Para o teu rosto innocente,  
 Bem como as flechas das arvores  
 Para o lucido oriente;

.....  
 Oh! sorri-mê, alva açucena,  
 De toda a macula pura,  
 Por que aonde tu sorris  
 Sorrirá minha ventura.

Por triste que seja a vida  
 Todos tem um sonho a abrir;  
 E o meu sonho em flor, beldade,  
 É ver teu gesto sorrir.

Nosso olhar em vão fixamos  
 No quadrante — o sol perpassa,  
 E como a lympha dos montes  
 Nos foge a existencia escassa.

E sempre, nas festas nossas,  
 Da terra do adro um grão  
 Dança na planta que pisa  
 Alegre, e em cadencia, o chão.

Tu és da minha alma o espelho,  
 Flor, como as do altar, santa;  
 O anjo, que me diz: ama;  
 A fada, que me diz: canta.

Tu és o raio luzente,  
 E eu o átomo sem cor,  
 Que só sou visto dos homens,  
 Se me doira o teu fulgor.

.....  
 .....

Não te lembro mais alguma poesia, a não ser uma que vem com o título AMARITUDO. Esta, se o poeta me perdôa o estar-lhe eu aqui a copiar paginas do seu livro, transcreve-a inteira. Tenho pena que o nosso mestre e amigo, Antonio Feliciano de Castilho a não ouvisse n'aquella noite das musas, em que, a meu pedido, Thomaz Ribeiro, o mimoso poeta de D. JAIME, nos recitou a intitulada HIEMS. Quando o encontrares, pede-lhe que te dê conta da impressão d'esses versos:

O céo era uma immensa abobada d'estanho;  
 E o seu marmore negro, entre alcantis d'azul,  
 Balouçando, espalhava o mar um brilho estranho  
 Onde, negro corcel, banhava a crina o sul.

E triste eu contemplava a solidão sombria,  
 E as penhas que o escarceu de espumas corôou,  
 Penhas, onde, elevando um canto de agonia,  
 Repousa do seu curso o viajante grou.

E onde ás vezes tem vindo solitario  
 E sobranceiro ao mar o genio reflectir,  
 E immersa a mente em luz, longe inda do calvario,  
 Por sua immensidade os planos seus medir!

Por sua immensidade! ó lucta interminavel,  
 Em que o oução da sombra, ancioso de esplendor,  
 Do' insondavel quer ser a vara immensuravel,  
 Da méta do infinito o audaz conquistador!

Será, disse eu então, seguindo sempre esta ave  
 Que existe além da vaga onde se morre o mar,  
 O porto, onde feliz apherre a minha nave,  
 E os puros ideacs de meu vago scismar?

Será seguindo sempre aquella nevoa escura,  
 Ou rastreando, ó vento, os loucos vôos teus?  
 Terra a terra, e ao sabor da vaga que murmura,  
 Navegando, ou luctando audaz co'os escarceus?

E surgir e passar nas brumas do horisonte  
 Vi d'infindos heroes os vultos colossaes,  
 Seus passos inclinando, ao chão pendida a fronte,  
 Ás prisões, ao desterro, ao fogo, aos hospitaes.

Tasso! Dante! Camões, que a patria glórifica?  
 Albuquerque que leis ao oriente impõe?  
 Socrates! Galileo que o mundo ao mundo explica?  
 Byron que empunha a espada, e o corso que a depõe?

E passava, e passava a turba lastimavel!  
 Ó cultores da sciencia e da arte, eu disse então,  
 Para que construir, se é eterna e immutavel  
 Dos povos a injustiça e a negra ingratição?

Para que sopportar com um zêlo indiscreto  
 A ardente inspiração que a vida vos corroe,  
 Se teus quadros, pintor, teus templos architecto,  
 Apoz vossos martyrios, o tempo ainda destroe?

Ó noite, ó negro abysmo! ó unica verdade  
 Que a tudo como fim só me é dado encontrar?  
 Ó cova! unica porta exposta á claridade  
 Do Bem, abre-te, pois, e deixa-me passar.

Meu amigo, falsas idéas e escuros preconceitos tenho ácerca de poesia, se Pinto Ribeiro não é um bom poeta. Quer-me parecer que, em oito annos, esta illusão, se o fosse, estaria desvanecida. E, depois, eu tenho, por igual, admirado os poetas contemporaneos distinctos, e vejo que está comigo a opinião de quem lê com o coração nos olhos, e o espirito levantado do raso, onde nem mesmo a prosa se entende bem, quando não é a das cédulas bancarias pagaveis ao portador. Confirmam alguns votos muito qualificados a

minha dedicação constante ao engenho de Pinto Ribeiro: o que elles não me consentem é comparações, e menos ainda preferencias. Perguntam-me muitas vezes se eu anteponho Pinto Ribeiro a Soares de Passos? E eu, que já disse do fallecido poeta louvores que por ahi estão em esquecidos artigos, se tu me fazes igual pergunta, respondo-te que sim, que leio com mais affectuosa attenção e mais captivo os versos de Pinto Ribeiro. Póde ser que vá n'isto molestia de coração, rompimento d'algumas fibras de fina sensibilidade, velhice, e impertinencia que póde levar-me ao descôco de ainda reler com delicias o Francisco Manoel do Nascimento.

Seja como for, meu amigo; por emquanto as *Lgrimas e flores* e as *Coroas fluctuantes* estão entre os meus poucos livros queridos, e as primeiras com primasia. Pinto Ribeiro não podia em pouco tempo reproduzir as suas primeiras riquezas, que o seu trabalhar é detencoso, e intervallado de grandes espaços de ociosidade, ou, melhor direi, de melancolica meditação.

Queres tu saber o viver quotidiano d'este moço? É a soledade, a vida intima de seus irmãos e irmãs. Irmã é já agora só uma. Ahi vês n'esse livro a elegia consagrada á segunda que morreu.

Aqui tenho eu o folhetim de um numero da *Revolução de Setembro*, do anno passado. Noticiava a proxima publicação d'este livro, e ahi n'estes termos lembrava a morte de uma irmã do poeta:

«... Outra irmã querida perdeu, ha tres mezes, Pinto Ribeiro. Matou-a a saudade do esposo com quem apenas aquinhoára um anno da felicidade do amor, acrisolado pela virtude. O livro que a viuva, no verdor dos annos, deixou aberto sobre a cabeceira, onde inclinou a face morta, intitulava-se «Os desposados da morte» do Visconde de Arlinecourt. La foi o anjo apoz o raio luminoso da sua esperanza procurar no céo a alma, que a deixára na terra, para dar testemunho de que o amor não é uma banal palavra, nem a saudade, em corações dolorosamente privilegiados, sentimento que transige com o tempo. Este lance de tanta e tão funebre poesia não terá inspirado ao irmão estremo uma maviosa elegia?...»

Inspirou. Ahi a tens a pagina 153 do livro.

E em lagrimas um dia ella me disse:

«Pela vez derradeira hoje nos vemos;

Vem subir ao azul, sereno mundo

Onde sempre tu tens os olhos fixos;

Este adeus entre nós abre um abysmo,  
Solidão que simelha a eternidade!...  
Bem n'o sei, mas no altar só falta a esposa ;  
Não chores, irmão meu, vou ser ditosa»

E, fascinada de ideacs auroras,  
Em seu leito de angustias reclinou-se.

Adeus, meu Biester. Eu pago sempre a preço de muita dor os meus affectos. Aqui estou eu agora mais que triste de recordar os annos da feliz juventude da irmã do poeta, por que me entre-lembro de que o céo tambem para mim n'aquelle tempo era azul, e reluzente de átomos de oiro.

Teu velho amigo

No Hospital do Largo do Monteiro,  
em 11 de Agosto de 1862.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



## DISCURSO

**Proferido pelo Ministro da Marinha (Mendes Leal) nas sessões de 7, 9, e 10 de Maio do corrente anno**

(Continuado do n.º 2 pag. 107.)

### III



stamos emfim no terceiro ponto, os exercicios hospitalarios. Vem a este logar a questão propriamente dasirmãs da caridade.

Fallemos d'essas damas com attenção e respeito, porque são damas, porque são religiosas; fallemos d'ellas com imparcialidade e serenidade, porque o nosso fito é alumiar-nos da rasão, não lisonjear nenhuma paixões; fallemos sem odios cegos, nem predilecções partidarias; fallemos com a frieza da analyse, como quem estuda umã these grave, sem se preocupar de pessoas; fallemos emfim com a sisedeza da historia, como quem aspira a averiguar, não a offender. Poderei, creio, notar transviamentos e cegueiras, que nascem de prevenções funestas, ou de uma organisação viciada por degenerações lastimosas, sem por isso me tornar réo de nenhuma irreverencia. É licito chamar as auctoridades, que melhor servirem para esclarecer a verdade, sem merecer os epithetos, com que de ordinario redarguem os que esta verdade irrita, os que n'essas rancorosas violencias eu por nenhum modo desejaria imitar.

Parece entender-se, do lado da maioria da commissão, que não ha caridade senão nos hospitaes onde se consente a associação das irmãs da congregação. Discordo francamente de tal opinião. N'esta parte se levantaram tambem as mais acerbas arguições do illustre relator, que não duvidou por esta opinião qualificar-nos, a todos, de impios, hereges e selvagens, manifestando os mais graves receios de que a reputação d'este paiz venha a ser deprimida na Europa, se acaso se votar a lei que se propõe. Muito poderia contestar. Limitar-me-hei quasi a ler documentos, por que não desejo ficar ainda hoje com a palavra reservada.

N'uma longa correspondencia, publicada n'um jornal bem conhecido, declara-se «que os serviços das irmãs nos hospitaes de Vienna estão sendo extremamente mal vistos.» Juizo é este plenamente confirmado por outro impio, outro selvagem, outro herege, um jornal impresso e dado á luz em França, onde os serviços da congregação tem sido mais que em nenhuma parte encarecidos.

Diz o primeiro d'estes jornaes, a *Gazette hebdomadaire de médecine et de chirurgie*, referindo-se ao já citado de Vienna:

«Nem só em Roma ha pequenos Mortaras...»

Nem só em Roma ha pequenos Mortaras! Noto que esta phrase formalmente responde á observação, feita pelo illustre relator da commissão — de que os casos do rapto de Mortara não podem já ser frequentes n'este seculo, porque o espirito liberal os condemna. Condemna é certo, mas nem por isso deixa de os repetir uma cega obstinação. Não só podem ser frequentes, mas têm sido reiterados.

Continua o jornal:

«Nem só em Roma ha pequenos Mortaras. *O Medicinische Wochenschrift*, de Vienna, chamava ainda ha pouco a attenção do publico sobre os factos de que vivamente se queixavam os medicos do estabelecimento da Maternidade. As creanças, que n'elle nasciam, eram ali conservadas por espaço de tres mezes, comtanto que suas mães as podessem amamentar. Este privilegio porém ficava *praticamente* limitado aos catholicos romanos, porque, sendo o recém-nascido da stirpe judia, era immediatamente tirado a sua mãe, e baptisado, e remettido para o hospital dos expostos. A repetição de semelhantes factos fez com que os judeus deixassem de reclamar soccorros dos hospicios da Maternidade. O descobrimento de tal abuso produziu uma discussão muito séria no conselho municipal de Vienna, d'onde resultou volar-se uma representação em que se pedia ao governo houvesse de dar remedio a um estado de coisas, que difficilmente acreditaríamos, se nos não fóra attestado pelo jornal medico de Vienna. Nem só os medicos da Maternidade recorreram ao governo n'este sentido. Os do hospital dirigiram-lhe outra reclamação, que ha de ser tida na conta de pouco *catholica* por certas pessoas.»

Taes são os factos. A sua eloquencia é maior do que todo o esforço oratorio.

Continuemos o exame de um serviço hospitalario assim entendido e praticado.

Aqui está mais uma pequena noticia, que se acha no *Escholiaste Medico*,

jornal competente de Lisboa, representante entre nós da sciencia, que tambem é caridade. Diz elle :

«O hospital dos Terceiros de S. Francisco, do Porto, não foi o unico que dispensou o serviço das irmãs da caridade no fim do anno de 1861; o hospital geral de Vienna as despediu do serviço dos enfermos, a pedido dos vinte e um medicos, que têm clinicas n'aquelle grande estabelecimento, sendo logo substituidas por enfermeiros.»

Isto é, vinte e um medicos de Vienna de Austria, foram, como nós, como o Porto, impios, hereges e selvagens! (riso).

A s. ex.<sup>a</sup>, como já disse, dá muito cuidado a conta em que seremos tidos pela Europa, se fecharmos as portas dos nossos estabelecimentos ás irmãs hospitalarias, com o mesmo direito com que não as admite o estabelecimento de Vienna? Parece-me que pôde o illustre deputado, á vista d'estes casos, tranquillisar o seu espirito e consciencia. Tenho fé que a opinião sensata da Europa culta nos não ha de lavar tão grande censura, nem applicar tão terrivel stigma, por fazermos o que tem já a auctoridade de semelhantes exemplos (apoiados).

Vejo porém ainda mais selvagens, mais impios, e mais hereges, que tambem reprovam o serviço das irmãs. Estão agora ao lado do illustre deputado, representando e defendendo as suas opinioens e a sua politica. D'esta vez é uma entidade feminina... no sentido translato. É uma dama tão conhecida pelos seus escrupulos como pelos seus melindres. Vae fallar a *Revolução de Setembro*. Quer saber a camara o que dizia, em 9 de novembro de 1858, essa folha, que é a selvagem, a impia, a herege a quem me refiro, mas impia, herege, e selvagem, que está manifestando actualmente o mais catholico horror a toda a especie de sociedade... que não seja a associação da fé moderna? (riso) Quer saber o que dizia? Eil-o:

«Não approvamos o estabelecimento das ordens religiosas.»

É verdade que isto era em 1858 (riso).

«Não julgamos necessario o instituto de S. Vicente de Paulo, nem portuguez nem estrangeiro.»

Então não sómente as irmãs de caridade estrangeiras se dispensavam, dispensava-se até o instituto de S. Vicente de Paulo! Dispensava-se esse instituto, na origem tão respeitado pelas suas obras, que respeitado igualmente seria ainda hoje, se continuasse a ser o que foi, se não houvera sido alterado como outras congregações, sobretudo se a pretexto de caridade o não tivessem convertido em instrumento politico!

Permitta-se-me ainda recordar a informação de mais um impio. O numero d'estes, como s. ex.<sup>a</sup> ha de ter observado, vae crescendo singularmente, e pôde augmentar sem medida. O novo impio está em documento official. É o relatório apresentado ao governo por um homem de sciencia, e consciencia, bem conhecido e experimentado á cabeceira dos enfermos nas horas de angustia.

Seria de certo util, seria acaso indispensavel, lêr todo o papel a que me refiro. Lerci apenas uma parte para não demorar. O seu auctor é o sr. José Antonio Marques — basta o seu nome para seu elogio — que por ordem do governo visitou os hospitais militares, onde fazem serviço as irmãs da cari-

dade em França. Vamos apreciar-as mesmo n'esse paiz, em que ellas, segundo o dizer dos seus encarecedores, estão exercendo as obras mais meritorias de solicitude e abnegação evangelica.

Diz pois o sr. Marques :

«Nas minhas visitas ao Val-de-Grâce e ao Gros Caillou, feitas a horas diferentes, mas ordinariamente de manhã cedo, raras foram as occasiões em que pude vêr as irmãs da caridade nas enfermarias occupando-se dos doentes. Foi esta a primeira circumstancia que me affectou, acostumado como estava a vêr nos nossos hospitaes militares uma assistencia mais assidua dos nossos enfermeiros, não obstante todas as tendencias e habitos que tornam os homens menos proprios e sollicitos para um serviço tão caseiro e impertinente. Mas quando as irmãs de caridade estavam presentes, o seu mester limitava se a dirigir no serviço os enfermeiros propriamente ditos, que em cada uma das enfermarias se achavam sob as ordens das irmãs da caridade. Muitas vezes vi que os enfermeiros sós se occupavam zelosos do arranjo das salas, independentemente d'essa direcção, e o que desde logo presumi m'o asseguraram investigações ulteriores, a que terei occasião de me referir. As informações que pedi deram em resultado que, não obstante as poucas occasiões que tinha de ver as irmãs da caridade nas enfermarias, havia nada menos de 40 no Val-de-Grâce, para um movimento de 900 doentes, e 20 no Gros-Caillou para um movimento de ordinario de 250 enfermos. Soube ainda que para cada sala havia duas irmãs da caridade, e que afóra este serviço das enfermarias, outras estavam empregadas na dispensa, na rouparia, na cosinha, etc. É de notar que essa extensão de occupaões foi mesmo uma das clausulas que as irmãs de caridade impozeram, para se obter o seu serviço nos hospitaes militares, clausula que os empregados da intendencia militar não deixam de aproveitar para fazerem significativo o interesse que as irmãs de caridade têm ahí ligado, e assim desvirtuarem o serviço d'ellas, no meio da luta que entre ambos os lados se suscitou logo, e agora subsiste em toda a força. Assim as irmãs da caridade dirigem e estão presentes á distribuição de remedios e dietas, vigiam o aceio das salas e suas dependencias na occasião da limpeza geral, e essas são as horas da sua maior assiduidade. Fóra d'essas circumstancias, as suas occupaões são quasi totalmente estranhas ao serviço dos doentes. Têm primeiro as suas orações ás horas da resa, depois pequenos trabalhos em que se entreteem, trabalhos de agulha, *crochet* fabrico de flores artificiaes, etc., das quaes tiram pequenos proventos, em auxilio dos meios que lhes são ministrados pelo governo.»

Não leio mais; deixo muitas particularidades curiosas; não é preciso ler tudo. Se compararmos agora a regra de S. Vicente de Paulo, e as lições constantes da sua vida, — da sua vida que eu por mais de uma vez tenho compulsado, e que não sei se todos os illustres defensores do contra-projecto terão lido — da sua vida, escripta por fr. João do Santissimo Sacramento, e traduzida pelo clerigo regular, D. Joaquim José Barbosa; — se compararmos, digo, os preceitos ali contidos com o que temos presente, veremos que são a contra-posição de tudo quanto n'esse relatorio a semelhante respeito se acha escripto (*apoiados*). Eis como se confirma que o

exercício hospitalario das irmãs foi um na sua origem, e hoje se tornou outro em tudo e por tudo. Eis como se evidencia como na realidade está sendo a negação do que foi, e não pôde a antiga fama absolver-o dos inconvenientes actuaes.

Que mais será preciso allegar? Ah! temos outro depoimento precioso. Não ouvimos ha poucos dias a palavra amena e auctorizada do sr. dr. Beirão, que n'estas coisas, como em tantas outras, tem tão acreditado voto? Não lhe ouvimos dizer e confessar que as irmãs da caridade tinham vindo para o asylo de S. Fiel, junto a Castello Branco, onde se educam aprendizes operarios, não para servir os enfermos, não para praticar os exercicios de caridade, mas para cosinhar e tratar da roupa! (*riso*).

A tal estado de oppulencia chegámos nós, e de abatimento as nossas mulheres, que seja preciso mandar vir, e por alto preço, cosinheiras franquezas para os estabelecimentos pios!

O sr. José Estevão: — E para Aveiro tambem.

O Orador: — Para toda a parte. Fazer a cosinha aos aprendizes é tal obra de misericordia, que para a exercer careçamos de importação extranha! Foi isto na verdade o que o santo recommendou? O santo recommendou aos seus servos que se empregassem nos mais humildes mesteres, é certo, mas não por dinheiro (*apoiados*). Se vissemos que não recebiam por isso maior estipendio do que o ordinario em taes serviços, diriamos: «fel-as o seu zêlo servas dos pobres.» Provae-o porém. Não provaes. Não provareis.

O sr. Beirão: — Peço a palavra.

O Orador: — Se s. ex.<sup>a</sup> quer explicar-se já, com muito gosto o ouvirei.

O sr. Beirão: — Não quero passar pelo dissabor de não continuar a ouvir o illustre orador.

O Orador: — Pela minha parte tenho todo o prazer em dar a s. ex.<sup>a</sup> a mais prompta occasião de se explicar.

O sr. Beirão: — É mais uma prova da urbanidade do nobre ministro.

O Orador: — Continuarei pois. Dizia eu que, exercendo aqui as irmãs da caridade, contra os expressos preccitos do santo fundador do seu instituto, estes mesteres por dinheiro, é licito julgar da sua utilidade como obra mercenaria, não como função religiosa,

E do desempenho das obrigações, que nas calamidades publicas lhes impoem o seu antigo instituto, que diremos? Estaremos no caso de dar testemunho occular da sua abnegação? Poderemos asseverar que se dignaram repetir entre nós os sacrificios, pelos quaes tantos louvores se pregoam? Qual de vós o affirma?

Confiando nas vozes que o propagam, devemos accredital-os justos e merecidos; comprehendemos que os entoe quem utilisou aquellas dedicações; mas não podemos, sem desmentir a experiencia e a evidencia, acrescentar aos exemplos que nos citam provas que presenciassemos. Bem pelo contrario, desgraçadamente. Negae tambem se ousaes.

Disse a este respeito o illustre deputado, o sr. Beirão: «não foram aos hospitaes, quando grassavam as epidemias, porque não as mandaram!»

Oh! sr. presidente! Que ardente caridade é então essa que precisa ser mandada! E mandaram-n'as, affirmo: mandava-as o instituto antigo, o instituto degenerado!

Não, não era esta a caridade de S. Vicente de Paulo. Não era tambem a das nossas pobres irmãs, que essas vimol-as todos penarem as horas do dia, vellarem as horas da noite, á cabeceira dos enfermos, sem lhes acceitarem mais que uma sede de agua, apesar de nada possuirem. Essas sim que verdadeiramente cumpriam o preceito.

Essas porém foram *modificadas*, por não se acharem *constituídas segundo a ordem!*

Faziam isto as nossas — nega-se? — faziam isto, desajudadas e esquecidas. E quando? Na crise de maior anciedade para este paiz (*apoiados*); no lance apertado em que mais se sublimou o espirito caridoso da nação, cujos filhos proximos e remotos rivalisaram no ardor benefico (*apoiados*); na conjunctura em que o governo, á testa do qual se achava o nobre marquez de Loulé, tambem solidario n'esses actos, cumpria o seu dever reconfortando o espirito publico; no momento finalmente em que um grande principe, grande por christianissimos actos, o rei mancebo, que ha pouco nos foi arrebatado, deixando um nome que todo o portuguez pronuncia com respeito, e diante do qual se inclinou a Enropa, visitava diariamente os hospitaes. Apareceram n'elles as irmãs portuguezas, os sacerdotes portuguezes, os medicos portuguezes, o governo, o povo, o rei. As irmãs francezas, diga-se, quem as viu? Não as tinham mandado! Não as mandava já o seu santo instituidor!... Peço perdão, appareceram. Vi-as eu, vi-ram-nas todos os illustres deputados. Appareceram... em photographia e gravura! (*riso*)

Aproveitou-se habilmente a occasião para fazer publicar por milhares de exemplares a irmã da actual congregação associada ao joven e chorado soberano... (*apoiados*), mas associada unicamente em phantasias (*apoiados*). Não é isto verdade? Respondei. Que se pôde pois aqui assegurar? Que d'esta vez ao menos o sacrificio foi commodo e facil! Acato e respeito quaesquer outros, se os ha. Só a este porém assistimos, e não podemos dar testemunho de mais. Não applico censuras: estou historiando factos. Prove-se-me que não sou perfeitamente exacto.

Vem a proposito uma nova auctoridade.

Tem-se por varias vezes citado n'esta casa, e n'este debate, o nome do sr. Alexandre Herculano; um grande nome, um grande espirito, um grande coração, e um austero character (*apoiados*); um homem sinceramente christão, que foi o primeiro a soltar os mais eloquentes brados em favor do sentimento religioso, verdadeiro e strenuo, e que nem por isso deixa de ter quinhão nas injurias, nas calumnias, e em todas as diffamações, que são, como disse, o argumento supremo de quem não tem outros! (*apoiados*).

Peço licença para ler o que ácerca de taes artificios pondera o sr. Alexandre Herculano. E aqui observarei: asseverou o illustre relator que o sr. Alexandre Herculano não crê na reacção, nem a teme. Pois crê, pois teme, e não o occulta, e quem tal affirmou mal podia desconhecê-lo por que está escripto.

Eis o que em verdade diz o eminente historiador :

«Os pomposos relatorios das maravilhas praticadas pelas irmãs da caridade no Oriente, o que provam de modo peremptorio é que a reacção é habil. Sabeis o que se passava então no paiz que abandonavam para supprir as insufficiencias dos governos da Inglaterra, da França, da Sardenha e da Turquia? Dir-vol-o-hemos. Em França, dos doze milhões de desgraçados, cuja alimentação consiste apenas em centeio, batatas e agua, e que em grande parte vivem em casebres infectos (é de-Lavergne que o diz), morriam de fome e de miseria oitenta mil pessoas só no decurso de 1856! É uma auctoridade insuspeita, o chefe actual da repartição de estatistica em França, que nol-o assegura. Onde era o posto da irmã da caridade franceza no meio de tantos infortunios? Era na patria ou nos acampamentos do Oriente? Era ao pé do soldado, ferido, ou doente, mas de constituição robusta e de animo féro, vigiado, acariciado pela providencia solícita dos poderes publicos, ou na aldeia, no casal solitario, na agua-furtada do operario febril; ao pé da enxerga do velho, da mulher, da infante, nús, esfaimados, esquecidos do mundo, abandonados pela caridade publica, e enviando talvez no ultimo alento um grito de maldição á sociedade?»

Não leio mais, porque não quero affear o quadro. Apezar da profunda consideração que devo a tal mestre, não hesitarei tambem em expôr o meu voto n'este ponto. Não faço exclusão de serviços, não quero sequer investigar a causa que os determina. Se existem, applaudo-os. Para mim, seja qual fôr o sacrificio, admiro-o nos campos de batalha, nos horrores da ambulancia, onde elle tenha sido praticado; mas... só onde tenha sido praticado. (*muitos apoiados*)

Ao testemunho de um impio, de um herege, de um selvagem como o sr. Alexandre Herculano, permita-se-me ajuntar, ainda com referencia ao mesmo assumpto, o testemunho de outro impio, de outro herege, de outro selvagem, segundo a qualificação do illustre relator da commissão. D'esta vez o herege e o impio é o proprio S. Vicente de Paulo (*riso*)!

Traslado do liv. I, cap. XI, pag. 91, da vida de S.<sup>a</sup> Vicente de Paulo, o que vou ler:

«É a gloria desejada uma voraz chamma que abrasa os segredos que têm fabricado no coração a humildade, e porque não se gerasse no peito dos missionarios este incendio, procurou revesti-los de odio contra o applauso, e apagar a mais leve faisca, para que se não visse de tão infeliz fogueira nem uma cinza. E assim dizia = nós outros que queremos adquirir gloria gostâmos *que se falle de nós*, que se diga *que fazemos coisas grandes*. Ai de mim! *Que esta é a astucia da serpente infernal, a qual, mascarando-se debaixo de bellos pretextos, mortalmente empeçonha os corações d'aquelles que lhe dá entrada em seu peito.*»

Isto diz, repito, sempre na phrase do illustre relator da commissão, o impio, o herege, o selvagem do insigne S. Vicente de Paulo (*riso*). Isto aconselhava elle aos seus missionarios. Compare-se essa doutrina com a actual, com os apparatus, com as ostentações, com os encarecimentos, com os arteficios... com as innocentes gravuras!

Em 1855 mr. de Montalembert, quando os jesuitas eram mandados sahir das escolas e da França, bradava: «a nossa vanguarda foi derrotada agora, mas cá ficou o exercito e a milicia.»

Qual era a milicia? Para que era? Não o direi. Ha de dizel-ó a historia, que recolhe estes dados. (*longos apoiados*)

(*Pausa.*)

Sr. presidente, usando do meu direito de deputado, peço a v. ex.<sup>a</sup> queira consultar a camara sobre se permite que esta sessão se prorogue até terminar o meu discurso, porque não desejo levar pela terceira vez guardar a palavra (*apoiados.*)

*Vozes:* — Falle, falle.

O sr. presidente: — Eu consulto a camara. Os senhores que são de opinião que se prorogue a sessão até o sr. ministro concluir o seu discurso, tenham a bondade de se levantar.

*Foi approvedo.*

O sr. presidente: — Póde o sr. ministro continuar.

O Orador(*continuado*): Encurtarei quanto possa o muito que precisava dizer.

Tenho aqui mais documentos, tenho muitas mais provas de como o santo entendia a caridade, para acarear com o modo por que ella está sendo interpretada. Não quero porém cansar a camara. Se for indispensavel, a seu tempo me servirei d'essas provas.

A caridade, como a definiu S. Paulo, como a definiu Clemente xiv, — um pontifice, a quem, apezar de pontifice não reconheceram a infallibilidade os que mais a glorificam — a caridade, como a entendeu S. Paulo e Clemente xiv, ia eu dizendo, estará exclusivamente subordinada, a uma formula, a uma obediencia, a uma disciplina? Não. É sentimento desafectado, natural, ingenito, a propria essencia do christianismo. Por isso a Igreja lhe chamou — a primeira de todas as virtudes. Dizeis entretanto, dael-o pelo menos a entender, que não é virtude sem a disciplina. Tal disciplina, repara, tira metade do valor á virtude. Senão a fazeis espontanea, como a definireis caridade?

Em 1837 toda a nação portugueza era irmã da caridade, e não foram precisos estatutos, nem regras, nem obediencia, nem disciplina para que a população do paiz, os nossos irmãos do Brazil, e os publicos poderes se empenhassem em auxilio da desgraça. Como julgaes pois indispensavel tal organização?

Agora observae. N'essa mesma época iam os missionarios, — aquelles missionarios, que o illustre relator da commissão entende, como tambem entendo, que tão uteis poderiam ser nas colonias, para as salvarem e aos principios — iam, digo, para junto do leito do moribundo prestar-lhe o ultimo consolo, o derradeiro soccorro, cumprir enfim a obrigação do seu sagrado ministerio? Accorriam ao foco de infecção, expondo-se a um martyrio glorioso?

Não. Fugiam d'elle. Esses que exaltaes percorriam o reino explorando o terror do contagio em beneficio de uma propaganda, que ousaram chamar religiosa! Onde estava então a caridade? De que lado estava? Quem satisfazia aos preceitos do Divino Mestre?

Ouvindo, como indiquei, ao illustre relator da commissão glorificar o serviço, que se deve esperar dos missionarios nas colonias, contava eu no dia seguinte achar a secretaria do ministerio da marinha e do ultramar assediada d'esses homens piedosos, que desejam desbravar os terrenos onde ainda não foi cultivado o evangelho, que aspiram a semear a palavra de Deus entre as populações selvaticas. Não achei, nem os acharam os meus predecessores. Todos em vão os procurámos e attrahimos. Esses missionarios actualmente, diga-se com franqueza porque é a verdade, estão missionando para a politica, não para a fé (*apoiados*). Não sam os sacerdotes que vimos benemeritos nos dias tormentosos; sam os que vemos parciaes nas luctas mundanas.

Não, não se nos offerecem estes para irem aos climas inhospitos de Africa, onde effectivamente a sua palavra seria tão util, tão conveniente e tão agradavel a Deus. Ah! não apparecem. Desvellam-se apenas no meio dos *impios*, dos *hereges*, e dos *selvagens*, que tem a mesma fé e a mesma patria; unicamente se occupam em persuadir os portuguezes, que, segundo a expressão eloquente do illustre deputado a quem estou respondendo, foram, devassando os mares, abrir as portas do Oriente, e levar lá, juntamente com a espada de Affonso de Albuquerque, a cruz de S. Francisco Xavier! Seus proprios irmãos em Christo, sam os *hereges*, os *impios*, os *selvagens* que elles se esforçam por converter. Converter a que? Ao catholicismo? Não, que este povo é essencialmente catholico. A que então? Logo veremos. Entretanto aos que jazem nas trevas do paganismo, na obscuridade da ignorancia, nos horrores da idolatria, negam sem piedade as luzes. É esta a verdadeira caridade? (*muitos apoiados*).

Peço agora á camara a sua particular attenção para estes livrinhos (*o orador mostrou dois pequenos livros*), cuja doutrina se liga muito significativamente ao assumpto que se discute, e que ainda mais significativamente attestam como a reacção está cá, e cá muito dentro (*apoiados*).

Estes livros provém exactamente d'esses missionarios a quem me tenho referido. (*Vozes: — Oçam, oçam!*) Este tem por titulo *A verdade sem reboço*. Parece que até aqui a verdade precisava d'elle; agora já não carece de resguardo (*riso*).

É este escripto pelo padre José Joaquim da Fonseca Mattos, jesuita professor na casa de Loyolla, rua de Toledo, em Madrid. Diz elle, fallando de um dos missionarios que então percorriam as nossas provincias do norte:

«O padre Joaquim de Bagunte tem tido boa parte em quasi todas as missões do Alto Minho, e tem sido um dos nossos missionarios que mais efficazmente tem trabalhado para a tão desejada, e não sei por causa de que rémoras, tão demorada introdução das incomparaveis irmãs da caridade.»

Eis o documento da premeditação negada. D'aqui se vê que não eram só as nobres directoras da associação de Nossa Senhora dos Afflictos que desejavam as irmãs da caridade. O padre Joaquim de Bagunte, em 1857 missionava no Minho a favor d'ellas em quanto nos hospitaes de Lisboa se agonisava sem ellas (*apoiados*). Cito um facto devidamente authenticado e sufficientemente expressivo.

Diz mais uma nota do livro o seguinte:

«Com alegria sabemos, pela leitura do excellente jornal religioso de Lisboa o *Bem Publico*, que já chegaram á nossa infeliz capital seis irmãs de caridade. *São poucas mas assim se começa.*»

Assim se começa! É verdade! Assim se começou, violando as clausulas expressas com que tinham sido admittidas as irmãs, e collocando-se ellas em hostilidade aberta com as leis, estado que nenhum governo póde nem deve tolerar (*muitos apoiados*). Mas que se começava? Passamos a verificá-lo.

Accrescenta o mesmo padre:

«Têm-se notado muitas acções virtuosas e mudanças para melhor em bastantes pessoas, dando no olho (phrase textual) principalmente a conversão sincera e maravilhosa de algumas mulheres do mundo, até ahí desgraçadas e agora felizes, devidas aos esforços apostolicos dos missionarios. O que lamentamos é não ter entre nós algumas d'estas instituições caridosas, e tambem eminentemente philantropicas, se quizerem, onde segurar e tornar uteis para a sociedade estas peccadoras convertidas, que se não fosse sua mudança de vida operada pela religião, iam concorrendo para mais a corromper. Ora Deus nos accuda, e suscite algumas almas privilegiadas, e em circumstancias de concorrer para a obra de Deus felicitando a humanidade!»

Quem são estes bemfeitores da humanidade? Dil-o ainda elle n'outra parte do seu livro.

«Quereis saber quaes foram, e são ainda os bemfeitores da humanidade, porque a alliviaram em suas dores, porque a consolaram em suas misérias, porque emfim a amaram em Deus? Não vades procural-os entre os philantropicos estereis, nem entre os sabios orgulhosos do mundo, que não moram ahí; procuraes-os no seio do catholicismo, e principalmente *entre os fundadores, ou filhos das ordens religiosas, que prestes os encontrareis.*»

Eis como gradualmente se passa das irmãs da caridade á generalidade das ordens religiosas! (*muitos apoiados.*)

Aqui está outro livrinho, e mais ha, que não lerei para não tomar tempo.

O sr. *Sant'Anna e Vasconcellos*: — Leia, leia, que isso é bom.

O *Orador*: — Este já é mais claro, muito mais claro. Chama-se *O futuro das ordens religiosas em Portugal.*

*Vozes*: — Oh, oh! Esse é bom.

O *Orador*: — Este diz o seguinte no prologo... É uma frisante advertencia aos que se não assustam de ver a systematica propaganda, aos que entendem que não existe a reacção, aos que julgam esta uma coisa phantastica, um conto de Hoffman... Diz o que vou ler:

«Peço a todos os meus leitores, se os tiver, *que façam chegar esta obra até ás ultimas camadas da sociedade, que a deem aos seus filhos para lerem na escola, porque n'isto fazem serviço a Deus e á humanidade.* Peço ao clero portuguez, a quem dedico este trabalho, que derrame esta obra por essa mocidade ardente, esperanza da religião e da patria. *Peço aos senhores parochos que a façam levar aos seus freguezes, aos meninos com especialidade, porque esses são os que hão de formar a futura geração...*»

Porque esses são os que hão de formar a futura geração! Ponderemos, meditemos. Não tem uma significação bem clara estas palavras (*apoiados*)? (*Continuou a ler*).

«Esta leitura deve deixar-lhes uma suave impressão, de que devem recordar-se em todas as épocas da sua vida. *Isto é uma semente preciosa, que ha de produzir optimos fructos quando o sol da justiça a vier aquecer e vivificar. N'isto fazem um grande serviço ás sciencias, ao estado, á sociedade e á religião.*»

Para esses missionarios, que assim se exprimem tão audazes, tão *sem rebuço*, onde está o sol da justiça? O que é? Em que consiste? O que designa? Ainda não amanheceu o sol da justiça n'este paiz, vêde! Não é também clarissima a significação de tal periodo?

N'outra parte lê-se ainda:

Vozes: — Oçam, oçam.

«Nos paizes mais civilizados, n'esses mesmos onde os prejuizos anti-religiosos teem lançado raizes mais profundas, nós vemos os pobres chamar com tanta confiança como amor, esses irmãos da doutrina christã, cuja vida é inteiramente consagrada a dar aos seus filhos os elementos de uma instrução unicamente fundada sobre a fé da igreja; nós vemos os enfermos abençoar a religião, *que lhes envia, como anjos tutelares, essas irmãs da caridade que não cessam de lhes prodigalisar sobre o seu leito de dor todos os cuidados e todas as consolações.*»

Aqui ouvis, depois da revellação expressiva dos verdadeiros intuitos, mais um brado a favor das irmãs da caridade.

O sr. José Estevao: — Por um jesuita!

O Orador: — Por outro jesuita. — Vejamos agora como das irmãs da caridade este passa também a mais.

«As ordens religiosas devem por certo germinar um dia *debaixo d'esta ou d'aquella forma*; e este facto, que se tem realisado em muitos paizes, até n'aquelles que são mais abalados pelas tempestades revolucionarias, ha de vêr o lume no catholico Portugal com mais extensão, força e rapidez que nas outras nações, *logo que acabe o reinado da força e comece um governo estavel e solido.*»

*Estavel e solido*, diz-se aqui, e este começará quando acabe o reinado da força. Qual é o reinado da força? Qual é o governo solido e estavel de que se tracta? Pergunto-o ás vossas consciencias?

Vozes: Isso. Ah! ah!

O sr. Vaz Preto: — É uma opinião como qualquer outra.

O Orador: — Pois eu combato essa opinião.

O sr. Vaz Preto: — Da discussão das opiniões oppostas é que sae a verdade.

O Orador: — Faz-me s. ex.<sup>a</sup> o favor de dizer o que estou eu fazendo? Não estou discutindo a opinião... opposta á liberdade consignada nas instituições? Usa o sr. deputado do seu direito defendendo-a, se quizer; eu faço mais do que usar do meu direito impugnando-a (*apoiados*), cumpro o meu dever (*muitos apoiados*).

Patenteio as provas da propaganda e os seus fins! Quer o illustre deputado negar a importancia d'essas provas?

O sr. Vaz Preto: — Não nego; faço só a observação de que é uma opinião como qualquer outra.

O Orador: — E' uma opinião como qualquer outra, mas é exactamente uma opinião que se dizia imaginaria, porque se negava que existisse a opinião da reacção. Eil-a aqui manifesta, irrecusavel. Desmintam-n'a agora (*apoiados*).

Recapitulemos. Primeiro, irmãs da caridade, depois as ordens religiosas.

Segue-se mais. Conclue-se exigindo as ordens religiosas com todos os seus antigos bens. Ides ver.

Continua o livro:

«Que interesse ha em conservar este abysmo profundo *que nos separa dos nossos antepassados*? Que nos interessa manter *essa espoliação*, que é um ultraje ás nossas crenças, uma feia mancha ás nossas mais bellas recordações, e que tem por effeito apresentar-nos aos olhos do mundo *como um povo que se envergonha da sua fé*, repudia as suas tradições, e que não parece ser esse mesmo povo que eternisára seu nome por sua adhesão aos dogmas, ás praticas e ás instituições da egreja?»

Eis o grande argumento — confundir a fé catholica com as ordens religiosas!... (*apoiados*.) Eis o sophysma, que a egreja não pôde nem deve consentir, porque as ordens religiosas não são dogma, nem o foram nunca (*muitos apoiados*). Pôde qualquer defendel-as; pôde glorifical-as; ninguém pôde nem deve dizer: «sem congregações não existe religião!» (*apoiados*.) Não leio mais. Á vista d'isto não é preciso, e...

O sr. Sant'Anna e Vasconcellos: — Ha ahi algum grito?

O Orador: — Ha: o grito levantado a favor de uma legitimidade... Não sei qual, não quero saber... Ha o caracteristico politico, que torna partidarias, e por tanto blasphemias, essas arditosas invocações da religião. D'aqui por diante não será licito ignorar o que se projecta, o que se intenta, o que se prosegue!

O sr. Sant'Anna e Vasconcellos: — Basta.

O Orador: — Não serão valiosas semelhantes provas? (*Vozes: — São, nem é preciso mais.*) Não quererão estas palavras dizer que se agita ahi uma diligente propaganda em favor da reacção, e que a reacção tem por alvo a restauração do absolutismo! (*apoiados continuados*). Quem o negar está no caso d'aquelles cegos de que fallou o sr. Ferrer, que não vêem porque não querem vêr, e estes são os peiores (*apoiados*).

(*Interrupção que não se ouviu.*)

O Orador: — Falla o illustre deputado em lei das rolhas! Onde está ella? Allude aos escriptos que patenteio? Uso de um direito fazendo-o. Quem impediu a publicação d'estas phrases? Eis a melhor prova de como é livre aqui a imprensa. Poderia eu cital-as, se não se tivessem impresso. Refere-se á proposta que se discute? Por uma prodigiosa temeridade de locução, e com chiste incomparavel, chama-lhe lei das rolhas? Não é a lei das rolhas, é a liberdade, cuja guarda se entrega ao parlamento, de que s. ex.<sup>a</sup> faz parte. Se n'esse gracioso vocabulario, tantas vezes explorado pela politica das alcunhas e epithetos, promove o parlamento a rolha, é porque de certo esquece que é uma parcella do mesmo utensilio (*riso*).

Fallemos serio; que o é o assumpto. Quem allude ahi a lei de rolhas? Não a descobrem seguramente onde todos livremente se exprimem. Colhel-a-hão dos auctores d'estes foliculos, que assim trabalham para supprimir toda a liberdade. Nem poderão suspeital-a nos que se querem prevenir para que elles não triumphem e ella não acabe! (*muitos apoiados*). Discutam elles, gosem dos mesmos direitos que nós — a liberdade é para todos — mas não lhes entreguemos cegamente a infancia, a esperança, e o futuro, porque o futuro não é nosso! (*muitos apoiados*)

O parlamento usa de um direito, e póde decidir se quer, ou não, admitir as ordens religiosas no ensino. Póde ou não? Já a isto se chama lei das rolhas? Levantem-se os que assim pensam, e tenham a coragem de explicar francamente o que pretendem (*apoiados*).

O sr. *Pinto de Araujo*: — Hão de dizel-o, porque provavelmente a votação ha de ser nominal.

O *Orador*: — Que quer inculcar o nobre deputado com isso?

O sr. *Pinto de Araujo*: — Que hei de exprimir o meu voto nominalmente, e não receio que se saiba qual elle é.

O *Orador*: — Ha de dizel-o ainda? Eu estou-o já declarando, e hei de repetir-o. Pois que o nobre deputado me interrompeu, aproveito a occasião para lhe perguntar se sim, ou não, satisfiz a minha palavra. Permitta-me lembrar-lhe, que, fallando s. ex.<sup>a</sup> ácerca d'este objecto, por duas vezes se dirigiu ao governo, e lhe intimou: «quem são, e onde estão os reactionarios?» N'essas occasiões respondi: «tempo virá em que lh'o mostre.» Acabo de mostral-os, penso; e s. ex.<sup>a</sup> está do lado a quem os mostrei. Cumpri a promessa. Espero que o nobre deputado, tão impaciente por se medir com a reacção, desempenhe agora a sua. (*Vozes*: — Muito bem).

Estimo tambem a oportunidade para recordar que já por duas votações numerosas esta camara manifestou que não queria em tal conjunctura abrir a porta ás congregações religiosas. Os que votaram n'este sentido, se quizerem, pódem reconsiderar; mas o paiz ha de registrar esse procedimento, apesar de quaesquer subtilizas, apesar até do expediente de que lançou mão o illustre relator da commissão para justificar todas as reconsiderações (*apoiados*).

A camara está cansada, eu tambem, e rasão tenho para o estar. Julgo desnecessario insistir. Accrescentarei só que, em se tractando da analyse das propostas da commissão e do governo, se couber no tempo, espero provar que as doutrinas do relatorio da maioria da commissão são a refutação mais completa das conclusões correspondentes do projecto. Examinarei então mais de perto muitas antinomias profundas entre os principios que se estabelecem e as deducções que se tiram. D'aqui até lá abster-me-hei de fallar, porque varios srs. deputados têm a palavra, e não desejo demorar o muito que o paiz póde d'elles aprender. Agradeço á camara a sua constante indulgencia, e para melhor certificar este agradecimento vou terminar promptamente, sem recorrer a nenhuns artificios oratorios, a nenhum epilogo sentimental.

Só da verdade me vali, só á rasão me dirijo. O verdadeiro sentimento está na consciencia de nós todos. Sem perorações escusadas, sem voltar

contra os adversarios, como seria tão facil, as armas que nos apontaram, resumirei tudo n'um conceito unico — d'este lado estão os que reputam absurdo e perigoso entregar ás congregações a educação do futuro, — d'esse a historia dirá quaes ficam (*muitos apoiados*). Estas são as minhas antigas idéas, livremente professadas, francamente expressas. Adoptando as proprias palavras com que terminou o seu discurso o sr. dr. Beirão, e additando-lhes uma só phrase, concluirei dizendo com s. ex.<sup>a</sup> que tenho sinceramente na boca, e no coração, a religião de nossos paes, o Deus de nossos maiores, e tambem as liberdades do nosso tempo! (*muitos e prolongados apoiados*. — *Vozes*: — Muito bem! muito bem!)

## CHRONICA LITTERARIA



ue esplendida aurora de talento!  
Que maravilhosa revelação! Que bello poeta! exclamavam todos que antes ouviram, e depois leram, e leram com amor e muitas vezes com entusiasmo, o livro que eu tenho sempre conservado em cima da mesa do trabalho, e que nas horas que este me deixa vagas, abro alvoroçado e fecho saudoso. Exclamaram todos, disse eu, e disse bem, porque foram todos aquelles que estão no caso de aventurar semelhante juizo; foram Castilho, Mendes Leal, Bulhão Pato, João de Lemos, Rodrigues Cordeiro e Palmeirim. Acolheram jubilosos o irmão; festejaram sinceros a obra. Depois Rebello da Silva Latino Coelho, Camillo Castello Branco, Silva Tulio, A. A. Teixeira de Vasconcellos, vocações diversas, mas igualmente vigorosas e brilhantes, confirmaram o voto. Bem vêem, pois, os leitores que o chronista pôde affoitamente declarar-se admirador profundo do livro denominado *D. Jayme ou a dominação de Castella*, e apresentar-lhe

o seu auctor o sr. Thomaz Ribeiro. E não passa de uma apresentação as linhas que vou traçar em seguida. Critica não sei fazel-a, ainda que a julgar, pela magna caterva de aristarchos que por ahí pullulam, deve ser coisa facil de emprehender.

Antes, porém, de fallar no poema, ha que mencionar paginas da mais aquilatada e verdejante prosa. São paginas de oiro que espalham raios de luz intellectual. Ensinam e captivam; illustram e seduzem. Digo, seduzem porque até fazem estremecer a crença arreigada a um pedestal de tres seculos. Tres seculos! Duas palavras que justificam Camões e Castilho. Duas palavras que mantêm illesa a veneração que eu sentia por ambos.

É quasi escusado dizer aos leitores de quem são as paginas que abrilhantam o livro de Thomaz Ribeiro porque já adivinharam o auctor na leve denuncia que involuntariamente fiz. Mas o nome de Castilho repete-se espontaneo em assumptos litterarios, onde elle é mestre insigne e onde o foi mais uma vez n'essas paginas alludidas que precedem *D. Jayme ou a dominação de Castella*, e que elle modestamente intitulou *Conversação preambular*. Lição lhe devêra chamar, e lição é, proficua, deleitosa, fecunda. Começa n'um prótosto eloquente, prosegue em largas e vastas considerações, remata com um bello estudo critico. Devotado d'alma e coração á poesia, Castilho exulta de contentamento, quando as cordas da lyra de um novo, mas verdadeiro cantor lhe vibram inspiradas e melodiosas ao ouvido. Presente-se este alvoroço poetico na apreciação de Thomaz Ribeiro. O entusiasmo engrandeceu-lhe o poema. Elevou até si o discipulo, estendeu-lhe a mão como a um igual, e n'aquelle doce e generoso enlevo chegou a convencer-se de que o era. Nobre illusão! Illusão que só os verdadeiros talentos ousam aviventar. Um rival é a lucta, e a lucta é a gloria. A consciencia da superioridade dicta estímulos em vez de molestar esperanças vocações. Aos invejosos e impotentes cabe a segunda tarefa.

Finalmente Castilho avaliou o poema de Thomaz Ribeiro, a través do horisonte que tão admiravel estrêa lhe rasgava. Tirou o retrato futuro do poeta, favorecendo-o no presente.

Vou eu agora continuar sem lisonja, nem estudados atavios, a analyse rapida do livro intitulado *D. Jayme ou a dominação de Castella* por Thomaz Ribeiro. Eu escrevi analyse; mas retiro a palavra, porque envolve demasiadas exigencias para o chronista. Substituirei analyse, por impressões. Fica o leitor prevenido e eu habilitado para proseguir.

A primeira vez que Thomaz Ribeiro me recitou dois cantos do seu precioso livro causou-me tão profunda sensação, que n'essa mesma noite fui lêr os sete que faltavam. Extasiara-me ouvindo-o,

extasiei-me lendo-o. A acção do poema, o desenho das figuras, a singeleza e o frescor dos versos, os bellos sentidos lances dramaticos, tudo, tudo me commoveu e arrebatou. Apesar de prevenido a favor da obra, surprehendeu-me ainda. Amei logo o poeta, e amei-o com amor igual ao que sentia por Mendes Leal, por Bulhão Pato, por Soares de Passos, por João de Lemos, por Palmeirim, e por alguns mais, poucos, que formam a primeira linha dos vates da moderna geração, e a cuja frente se ostentam vaidosos os nomes de Castilho, Garrett, e Herculano. Colloquei logo entre aquella brilhante pleiade Thomaz Ribeiro. Dias depois relendo attentamente o poema não me arrependi. Era um posto merecido e ganho com esforçado valor.

Mas n'essa segunda leitura e n'outras que se lhe seguiram, leituras mais applicadas, assenhoreei-me então das notaveis bellezas que esmaltam o livro e que recommendam o poeta, notando ao mesmo tempo, alguns leves defeitos, e ás vezes descuidos unicamente. Entre as bellezas, as mais primorosas, a meu ver, são as descripções, em que a pintura é deslumbrante de singeleza e rica de verdade. Não posso fugir á tentação de citar uma que é môdêlo e rivalisa com as melhores e mais apregoadas imagens lyricas:

Um dia... quando, não sei;  
fui vêr as gastas ruinas  
d'um velhissimo castello  
que ao desamparo encontrei,  
mas que apesar de esquecido  
na solidão, era bello.

Achei-o todo vestido  
de tenaz hera viçosa;  
e ornado de verde brilho,  
lembrou-me um velho casquilho  
que espera noiva formosa.

Vilhe os muros corcovados  
sobre o abysmo pendurados,  
porém suspensos no ar.  
Barbacans desamparadas;  
as torres desconjunctadas;  
como folhas desligadas  
da flor que se vai finar.

E perguntei: — «Que portento,

pedras que baloiça o vento  
já sem prumo, e sem cimento  
vos tem suspensas no ar?»—  
A hera, filha do muro,  
foi-se encostando, e cresceu;  
a cada cantinho escuro  
cada raiz se prendeu;  
entre cada fenda estreita  
uma vergonhea se ajeita;  
do muro em toda a largura  
contorce a activa espessura,  
gira, enrosca-se e venceu!  
E vai recebendo alento,  
redobra em viço e vigor,  
nem já rajadas do vento  
lhe podem causar temor;  
seus rebentões melindrosos  
já são braços musculosos  
que ensaiam força e valor;  
e conhecendo seus brios,  
aos largos muros adustos  
mettêram hombros robustos  
ergueram rochas ao ar.  
Subiram as barbacans;  
recurvâram as ameias,  
ligaram rijo pilar  
Com mil adustas cadeias.  
E o castello hospitaleiro  
já sem medo ao paroxysmo,  
viu, vê, verá sobranceiro  
as profundezas do abysmo;  
que a hera robustecida  
de lembrada e generosa  
dá vida a quem lhe deu vida;  
força a quem lhe deu vigôr.  
— São como a hera viçosa  
os filhos do nosso amor.—

Para fazer a reputação de um poeta bastava este trecho. Nasceu n'um instante de feliz inspiração e de profundo sentimento.

Ha scenas no *D. Jayme*, tão bem desenhadas e conduzidas, tão intimas e pungentes, tão energicas e grandiosas, que me convenceram que Thomaz Ribeiro é mais que um poeta lyrico, é tam-

bem um poeta dramático. Manifesta-se ainda mais semelhante tendência no modo porque cifra n'uma phrase a mais angustiosa ou a mais heroica situação. Se tentasse, pois, o genero prestava um bom serviço e ornava, com certeza, a frente de uma nova corôa.

Outro fragmento do livro me acode á lembrança, que, se não iguala o já citado em grandeza de concepção, excede-o talvez em vigor. Eil-o:

Transfigura-se o quadro. As trevas densas  
esmaltam-se de luzes

desiguaes, fatuas, moveis, cambiantes;  
são dez, e uma, e cento, e mais, e innumeradas,  
aqui, além, mais perto, mais distantes,  
congregam-se, dispersam-se, enfileiram-se  
fogueiras, raios, cirios, sóes, estrellas;  
e o pensamento máo que ali domina,  
passa, recresce, avulta, e se illumina  
implacavel, tenaz, no meio d'ellas.

É anjo para a fuga abrindo as azas,  
mulher a quem perdeu, e que se chora;  
é virgem que traiu, que a Deus implora  
perdão para o algoz.

Mais e muitas joias ali engastadas havia a roubar, mas falta espaço para arrecadal-as. As duas que extorquimos devem já provocar ao leitor o desejo de possuir o diadema completo. Apresentando-lh'as, entendi que lavrava a melhor recommendação do livro.

*D. Jayme ou a dominação de Castella*, assignalou talvez a melhor estrêa que tem havido na litteratura moderna. Thomaz Ribeiro alcançou uma grande gloria, mas contrahiu uma grande obrigação. Sobra-lhe porém, talento para se desempenhar d'ella. Que se desempenhe cedo é o meu desejo, e peço-lhe que o realise.

Vejo-me obrigado a reservar para o numero seguinte a recommendação de livros novos que tenho em meu poder, e que já me proporcionaram horas agradaveis. Como os leitores podem duvidar de tamanho movimento litterario que não é vulgar entre nós, ahí vão os titulos das obras e os nomes dos auctores para se convencerem: *Coração, Cabeça e Estomago* e *Memorias do Carcere*, por Camillo Castello Branco, *Passeios e phantasias*, por Julio Cesar Machado, *Tradições e phantasias*, por Andrade Ferreira.

Para muitos assignantes obras firmadas por taes nomes, estão garantidas.

ERNESTO BIESTER.